ILUSTRAÇÃO

N.º 304 — 13.º ano

A MODERNA SEREIA

16-AGOSTO-1938

PREÇO-5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	61$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UMA OBRA FORMIDÁVEL
Destinada a grande sucesso
Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO
(PADRE DAMIÃO)
Por PIERRE CROIDYS
SUCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade
1 vol. de 356 págs., broc. ..... Esc. 12$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14$00
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da
Telefone 2 1368
Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D. S. P. em 03 1913 sob o N.º 28
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

REVELAÇÃO DO SEGREDO DA INFLUÊNCIA PESSOAL
Método simples para desenvolvimento do magnetismo, da memória e da fôrça de vontade. Um livro de 64 páginas descrevendo detalhadamente êste método único, assim como um estudo de carácter, são enviados gratuitamente a quem escrever imediatamente

«A maravilhosa fôrça da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Domínio do Espírito, denominem-na como quizerem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus actractivos» pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida.», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado *«A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores»*. Êste livro revela factos tão numerosos como extraordinários referentes às práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração e da Fôrça de Vontade por meio da maravilhosa ciência da Sugestão. O conde H. Csaky-Pallavicini escreve: «Cada um deveria possuir o vosso tão simples Método. Os ensinos que êle contém são tão necessários à humanidade, como o ar aos pulmões ou os alimentos ao corpo». Êste livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supôr. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituïção de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Quem escrever imediatamente receberá, além do livro gratuito, um estudo detalhado de carácter. Copie simplesmente, com o seu próprio punho, as seguintes linhas:

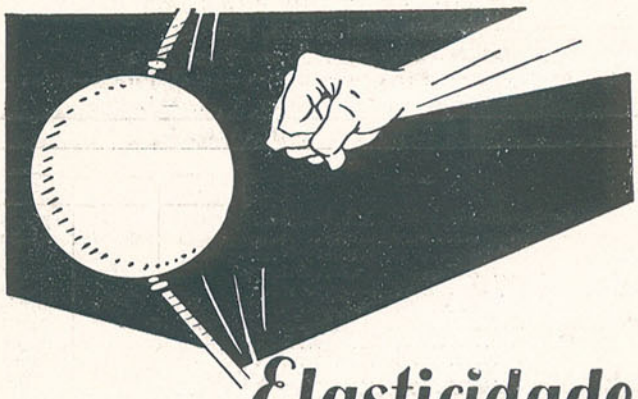
«Quero o poder do espírito,
A fôrça e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro.»

Conde H. Csaky-Pallavicini

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora) e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. (Dept. 6045-D.), Rua de Londres, No. 18, Bruxelas, Bélgica. Se quizer pode juntar à sua carta Esc. 2.70 em sêlos de correio do seu país, para despeza com franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o sêlo suficiente. A franquia para a Bélgica é de Esc. 1.75.

N. B.—*A Psychology Foundation é uma casa editora desde muitos anos. Pela distribuição dos seus úteis livros e brochuras tratando de questões psicológicas e mentais, ela conseguiu arranjar inumeráveis amigos. Mais de 40 professores universitários contribuíram nas suas edições e todos os trabalhos, pelos quais um preço é fixado, são vendidos com a garantia de satisfação ou reembolso.*

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074



Elasticidade
significa bem estar

Indisposições físicas ou psíquicas, originadas por dores de cabeça ou de dentes, dificultam o trabalho e estragam o prazer. Para as eliminar tome

BAYER

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefacio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

RECREAÇÕES FILOLÓGICAS

POR JORGE DAUPIÁS

1 vol. de 316 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.ª EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ
Antigo professor de Topografia
e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. ..... **22$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

AOS SRS. ADVOGADOS

Propriedade Literária, Científica e Artística

Decretos n.os 13.725 e 5 693 — Convenção de Berna — Adesão à Convenção de Roma — Legislação interna e duração do direito de propriedade literária nos diferentes países

Compilação e revisão do **DR. CARVALHO MAIA**
Conservador do Registo de Propriedade Literária

1 vol. de 94 págs., broch. ..... **7$00**
Pelo correio à cobrança ..... **8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 304 — 13.º ANO
16-AGOSTO-1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

FÉRIAS DA GUERRA

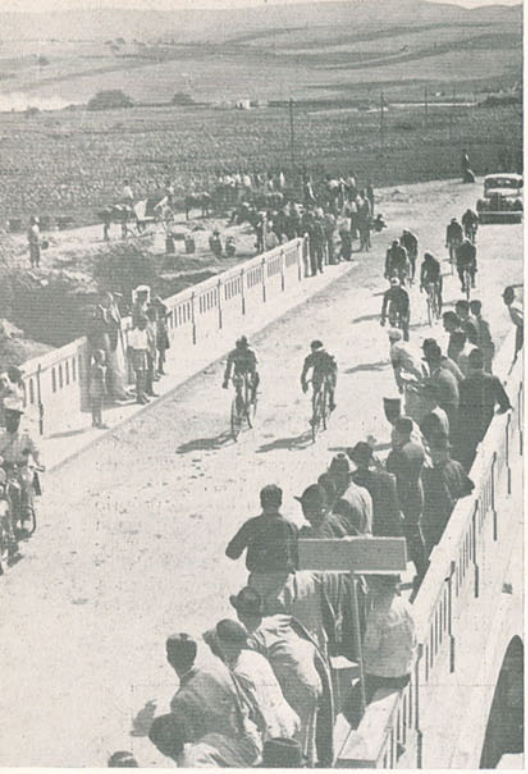
QUANDO chega esta deliciosa quadra do ano em que todos procuram avizinhar-se do mar, porque não hão de os guerreiros abrir tréguas, a fim de cada um ir veranear na praia que mais lhe agrade? Assim se passaria a estação calmosa em paz e sossêgo, e então, quando voltassem os primeiroz frios do inverno, os guerreiros voltariam a pegar em armas até o verão seguinte.

E, no fim de contas, que mal haveria nisto? Desde que todos estivessem de acôrdo, não haveria que recear traições. Calculem os japoneses concordando com os chineses na melhor maneira de gozarem as suas férias até aos fins de Setembro. Depois se voltaria ao pleito, a ver quem deveria governar os domínios de Chang Kai Chek...

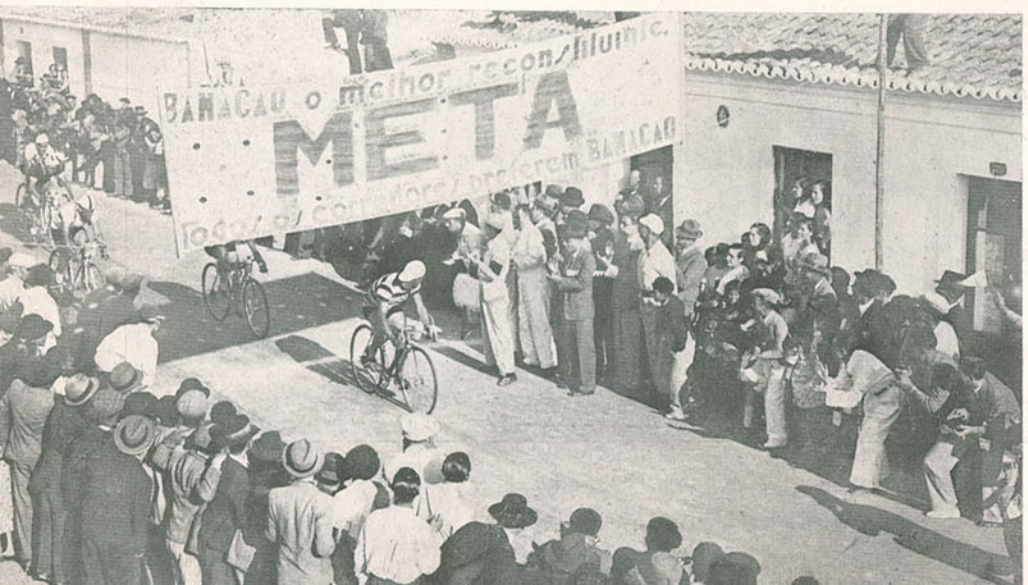
Se pensarem bem, o próprio Confúcio estaria de acôrdo com esta modalidade. Isto mesmo parecem dizer estas encantadoras artistas da Metro-Goldwin-Mayer numa das suas praias norte-americanas.

Não será esta também a opinião das nossas gentilíssimas leitoras?

SEGUINDO A VII VOLTA A



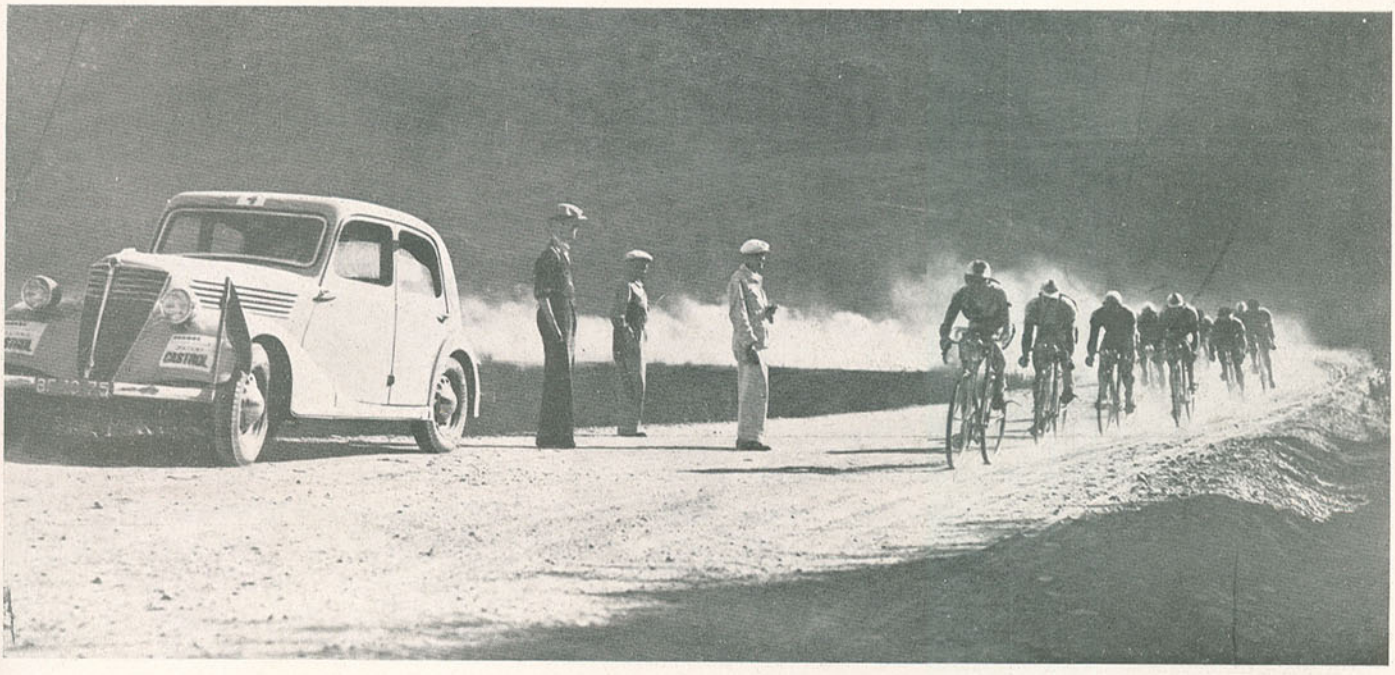
A passagem na ponte de Aljezur pelo pelo'ão da frente



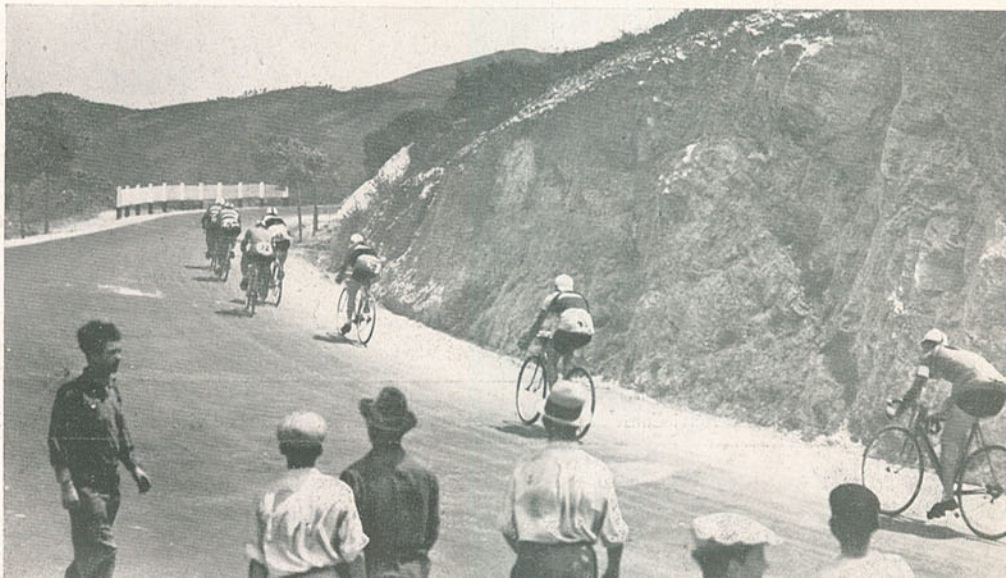
Em cima: A' chegada a Lagos o nosso colaborador dr. Manuel Anselmo entrega a Alfredo Trindade um prémio instituido pelas senhoras daquela cidade. *Ao centro:* A caminho da final da primeira étapa os corredores passam perto de S. Tiago do Cacem. *Em baixo:* Felipe de Melo, do Sporting, corta a meta em Sines sendo o primeiro corredor a envergar a camisola amarela. Quem ganhará? Será José de Albuquerque que, impondo um valor que não se lhe supunha, e surge agora, ganhou brilhantemente a difícil etapa do Porto.

PORTUGAL EM BICICLETA

Próximo de Vila Viçosa um cantoneiro dá de beber a Jorge Moreira

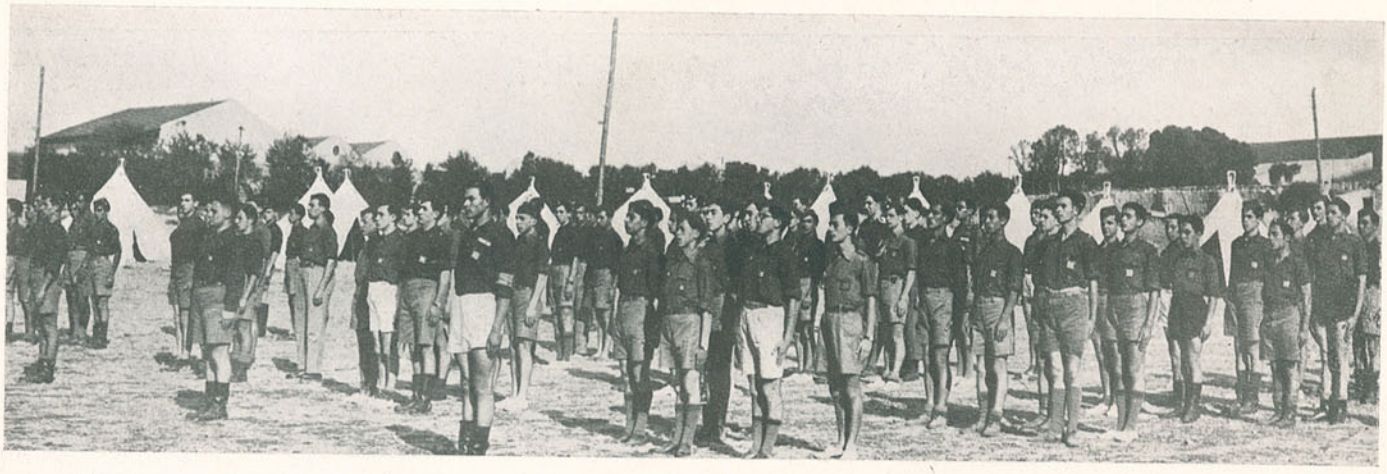


Em cima: Depois dum acidente no Estádio de Loulé, Alfredo Trindade é obrigado a abandonar a prova recebendo do seu rival e amigo Nicolau um abraço de despedida. *Ao centro:* Por entre nuvens de poeira um pelotão passa em S. Luiz. *Em baixo:* Os ciclistas atacam uma rampa perto de Setúbal, mostrando de uma maneira eloquente a formidável tenacidade que os anima na disputa da ambicionada camisola amarela. Esta prova, sendo um expoente perfeito da robustez lusitana, está despertando, como não podia deixar de ser, o interêsse popular.

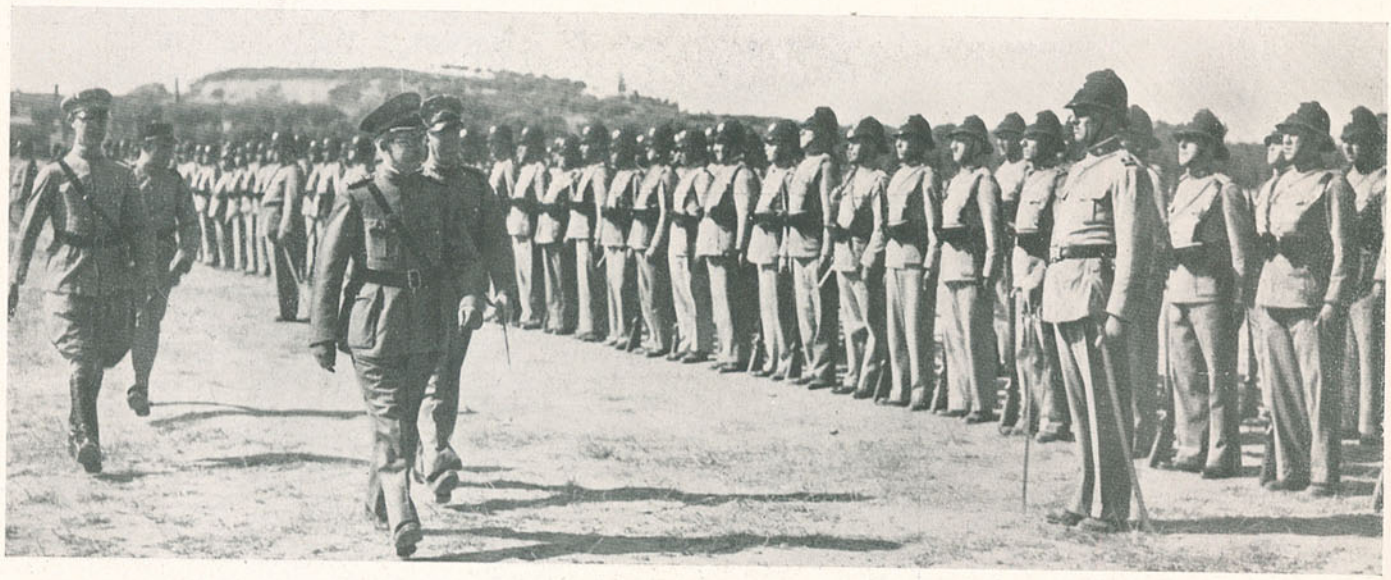


NOTÍCIAS DA QUINZENA

No campo da Estação Agronómica Nacional, junto á cêrca da Casa Pia de Lisboa, em Belem, encontra-se já organizado o acampamento da escola central de graduados da «Mocidade Portuguesa», que começou a funcionar com 243 filiados, número êste que deve elevar-se a 300, logo que terminem os exames que alguns estão ainda a fazer. O acampamento que constitui uma colónia de férias e funcionará até 31 de corrente, é composto de 64 barracas privativas da «M. P.». As gravuras acima e à direita mostram dois aspectos do acampamento



Um aspecto da formatura no acampamento da «Mocidade Portuguesa» que há dias se encontra instalado, junto à Casa Pia em Belem

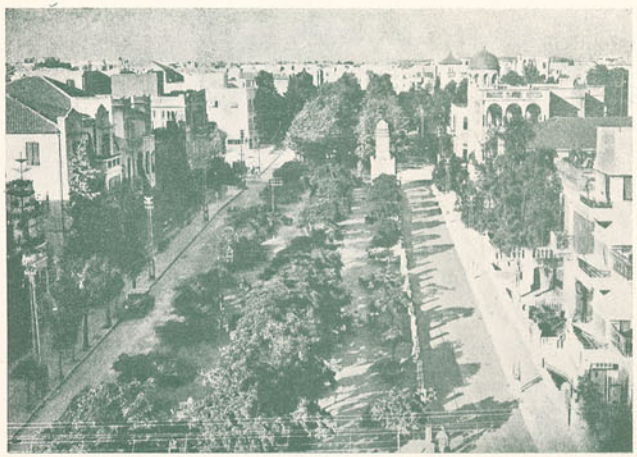


O sr. coronel Cameira passando revista à formatura das duas divisões da polícia que desfilaram no campo do Jockey Club

ECOS DOS ESTORIS

No Casino Internacional do Monte Estoril foi inaugurado o curso de férias da Faculdade de Letras. A gravura à direita mostra a mesa que presidiu à abertura dos trabalhos, vendo-se o sr. dr. Vieira de Almeida, ilustre director da Faculdade de Letras discursando

Organizado pelo Clube dos 100 à Hora, disputou-se o I "Rallye„ Feminino„, no percurso total de 72 quilómetros, com partida da rua das Chagas e chegada ao Estoril. Após a chegada efectuaram-se as provas complementares, depois do que a classificação ficou assim estabelecida: 1.ª D. Deolinda Nunes dos Santos; 2.ª D. Maria Estácio Veiga; 3.ª D. Tetralda de Lemos; 4.ª D. Mabel Melo de Carvalho; 5.ª D. Fernanda Lima Reis; 6.ª D. Alice Reis Vale; 7.ª D. Natália Perestrelo; 8.ª D. Margery K. Thorburn. A concorrente D. Fé Fernanda Santos não pôde completar a prova devido a uma "pane„ no seu carro. A' tarde no decurso de um "chá„, que decorreu com grande animação, fez-se a entrega dos prémios às concorrentes. A gravura ao centro, mostra o grupo de senhoras que constituiu o juri, e em baixo, o grupo das concorrentes, vendo-se ao centro as vencedoras



Um aspecto de Tel-Aviv

OS PIONEIROS DO SIONISMO

A política anti-inglesa da Itália, potência mediterrânica de segunda ordem, o fascismo que, segundo Mauriac, fez sorrir o mundo, ao contrário do nazismo que abalou os alicerces da Europa, obrigou os intelectuais italianos a determinar e a decretar o sentido biológico e intelectual do conceito fascista de raça, proclamando a prioridade e a excelência da raça italiana, até hoje considerada por todos, e pelos próprios italianos, uma mistura indecifrável e enigmática de tipos antropológicos, biológicos e mentais de categorias e materiais diferentes.

O achado dos intelectuais fascistas tem sua pilhéria e é motivo para longas e inflamadas discussões, não falando, é claro, dos ataques ponderados, honestos e sérios do Vaticano, justamente alarmado com o sentido pagão e anti-católico das massas transviadas pela idea egocentrista e primitiva, e "irracional da guerra» (Freud).

A política anti-inglesa da Itália, até há pouco tempo indiferente ao problema das raças, tôda entregue ao sonho da reconstrução do império e do penoso reconhecimento do Rei-Imperador, levou-a ao desespêro máximo: diferenciar as raças e combater os judeus, separando-os em judeus italianos e judeus sionistas; os primeiros podendo continuar ou ingressar nas fileiras fascistas, os segundos considerados pró-britânicos, inimigos da Itália ou, melhor, inimigos do Império, do sonho de primazia mediterrânica.

O sionismo, a-pesar da débil opinião dos intelectuais fascistas, não é um episódio da história de Israel: é uma doença orgânica, ancestral do povo judeu.

Basta folhear o Talmud. Abraão, natural de Ur, cidade da luz, centro de uma grande civilização, foi escolhido por Deus para iluminar o povo e possuir, e entregar a seus filhos, a Palestina, cuja atmosfera sagrada dá inteligência aos homens. Abraão recebeu os poderes das mãos do Rei de Salém, Jerusalém.

A promessa divina da Palestina, cidade do mel e do leite, foi renovada a Isaac e a Jacob.

Foram três as promessas que o Eterno fez ao seu povo: a Lei, a Palestina e a Vida Futura.

9 Ab, data comemorada por todo o povo eleito, é o dia da destruïção do Templo, verdadeiro dia de luto nacional, cuja comemoração anual lembra o exacto sentido do exílio, o Templo abatido, a terra estrangeira, a destruïção e a morte.

9 Ab, marca na história agitada de Israel o primeiro *pogromo*, o início da dispersão total, a destruïção e a queda da casa a que se recolhiam os filhos de Israel para implorar ao Eterno a paz e a segurança, a terra de Sião...

Tôda a vida dos judeus, há milhares de anos, gravita à roda da Palestina.

Sucoth, a festa das cabanas, é a recordação da vida simples do deserto, a festa dos símbolos palestinianos.

Hanuka, a festa das candeias, é a restauração: "Les Macchabi ressusciteront». Esta é a frase profética de Herzl, bandeira da vitória, lema dos que, desprezando vida e haveres, se batem heroicamente na Palestina, procurando e defendendo a criação de um *Estado Judaico*, de um lar para os que sofrem e caminham, saltando as fronteiras, empurrados pela miséria e pela dor, pelo sofrimento e pela desgraça; eternos judeus errantes, umas vezes escutados e acarinhados, outras vezes expulsos e apontados às turbas como os causadores de todos os males, morais e físicos, de que enferma a própria humanidade...

■

É muito fácil escrever o bosquejo da história do sionismo. Há quási um século, 1844, M. Manuel Noah, cidadão americano, dirige-se aos povos livres da América, pedindo-lhes que encorajem os judeus a conquistar a Palestina, terra que lhes fôra entregue por um mandato divino.

Manuel Noah, descendente dos judeus das Espanhas, era liberal e pouco conhecia da ortodoxia hebraica. Trata-se de um jornalista e autor dramático, membro do corpo consular americano.

Duante muitos anos viveu longe, afastado, divorciado do sentido interior e do clima da vida judaica. Seu grito inesperado, e isolado, não ecoou no povo.

Em 1862, dezóito anos passados sôbre o grito de Noah, dois judeus ortodoxos da Rússia, — Thorn e Hirsch Kalischer — abalados pelas injustiças cometidas, reclamam a fundação de colónias agrícolas na palestina, dizendo ser o estabelecimento dos judeus na Terra Santa, a terra do leite e do mel, o início do messianismo, e profetizando para breve o aparecimento de O Encoberto.

Meses depois, o grande pensador Moisés Hess, autor do notável livro *Roma e Jerusalém*, discípulo de Graetz, estimulado pelo sonho de Thorn e Kalischer, reclama a convocação de um congresso mundial judaico, orgão político destinado a coordenar a acção judaica e a canalizar a emigração para a Palestina.

¿Quem era Moisés Hess? ¿Donde veio e quem o chamou ao seio do povo hebreu? Moisés Hess é o fundador do sionismo moderno, filho da emancipação, hegeliano da esquerda e um dos defensores dos *Hassidim*, movimento inspirado por Israel Baal-chem, cuja missão era o aprofundamento do espírito judeu.

"On ne songe pas encore, il est vrai, à rétablir notre nationalité. Mais vous connaissez le proverbe: l'homme propose, et Dieu dispose».

Moisés Hess era um filósofo notável, um sociólogo combativo, uma voz isolada que reclamava do outro lado da Europa, da outra Europa, o restabelecimento da paz entre os homens e desejava para o seu povo aquela paz que reclamava para os outros.

Filho da revolução francesa, Moisés Hess foi um dos grandes defensores da unificação da Itália e dedicou o seu livro *Roma e Jerusalém* "aux nobles défenseurs des peuples historiques qui luttent pour leur renaissance nationale».

Smolensky foi um dos renovadores da língua hebraica, outro pioneiro do sionismo político.

Em 1870, a Aliança Israelita Universal, prestimosa instituïção francesa, funda na Palestina as primeiras colónias agrícolas. Carlos Netter foi o primeiro director dessas colónias.

Na mesma ocasião, Lilienblum e o dr. Leão-Jehouda Pinsker defendem idênticas teses: o primeiro o regresso à Palestina e o segundo a da auto-emancipação.

1860: nasce na Hungria, Budapest, T. Herzl, o fundador do judaísmo político, cujo folheto o *Estado Judaico* abala e preocupa a Europa.

■

O destino do povo judaico, traçado no Talmud e na Bíblia, acarinhado por todos os judeus que sofrem, e protegido pelos judeus cuja situação é desafogada, é o do regresso à Palestina.

Indubitàvelmente a Terra Santa, cuja atmosfera dá inteligência aos homens, não comporta e não acomodará os judeus de todo o mundo.

Os israelitas da Europa ocidental, da Inglaterra, da França, da Itália e de Portugal e os judeus das Américas, cidadãos de países livres, hospitaleiros, arrumados às respectivas nacionalidades, integrados nas vidas dos seus países, europeus e americanos, desejam a Palestina para os que sofrem, para os judeus da Polónia, da Rússia, da Alemanha, da Áustria e da Roménia, judeus cujas vidas um vendaval de loucura, de maldade e de insensatez desfez e destruíu para sempre.

O sentido político da reconquista da Palestina foi imposto aos judeus que sofrem, e rolam de país para país, expulsos, perseguidos, vexados ou concentrados em campos de morte, pela política nefasta dos seus perseguidores, averiguados paralíticos gerais, tal como Goga, o poeta da Transilvânia que a morte ceifou há poucos meses.

A vida do paralítico geral Goga é um exemplo: boémio, aventureiro, poeta genial, estimou os judeus e junto dêles viveu emquanto o miasma da política — datam dêsse momento os primeiros sintomas da paralisia geral — o não mordeu. Quando necessitou criar adeptos, constituir um partido político, aproveitou a semente do anti judaísmo que sempre combatera e atirou para cima dos judeus romenos a culpa de todos os males de que enferma a Roménia.

Um dos maiores escritores da França católica, recém-chegado daquele país, conta-nos ser difícil encontrar um romeno que não tenha sido ministro e um antigo ministro que não seja rico...

¿Não será esta uma das etiologias da profunda crise económica que agrilhoa e asfixia a Roménia?

■

Volto à Itália. Repugna-me acreditar que o Duce, príncipe da latinidade, copie os alemãis. "On peut être supérieur dans le domaine de la science et inférieur dans celui de l'amour du prochain; le degré d'amour dont est capable une race détermine le degré de civilisation auquel elle peut atteindre». São de Moisés Hess estas palavras proféticas...

AUGUSTO D'ESAGUY.

O pavilhão de Israel na Exposição de Paris

Agar e Ismael no deserto — (Famoso quadro de Adeodato Malatesta)

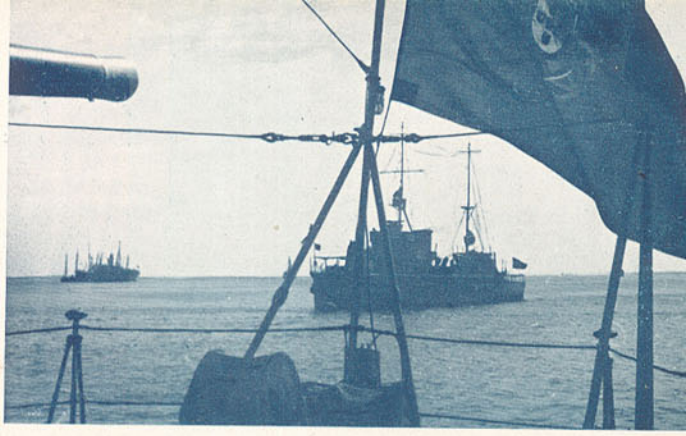
ACTUALIDADES DA QUINZENA

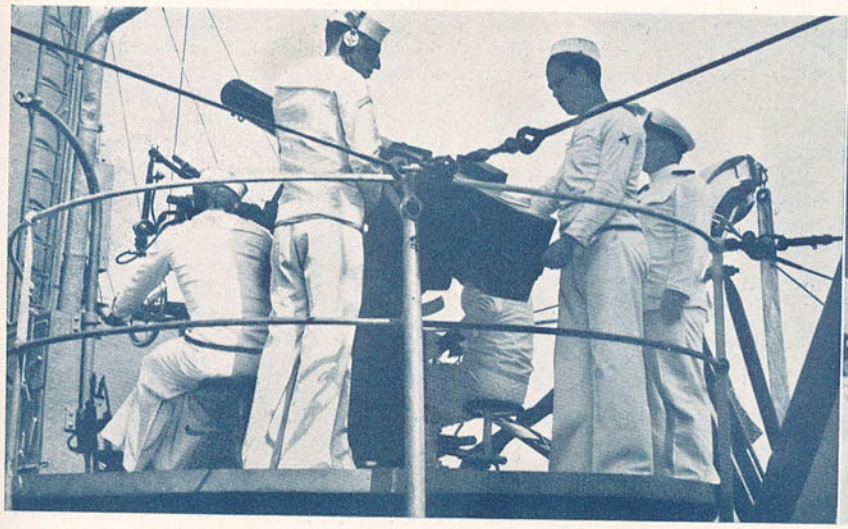
O sr. dr. Mendes Correia dando esclarecimentos ao sr. ministro das Obras Públicas, numa das varandas do novo edifício da Câmara Municipal do Pôrto. — *Em baixo, à esquerda:* o sr. ministro das Obras Públicas acompanhado pelos srs. governador civil e presidente da Câmara, visitando a Sé Catedral do Pôrto. — *Á direita:* A visita ao Bairro do Ilheu.

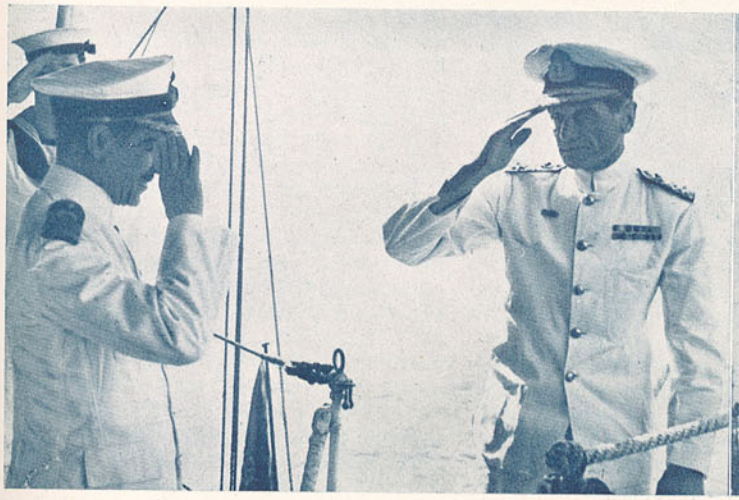
Em cima, à esquerda: Os representantes do Govêrno e o ministro da Roménia em Lisboa, nas exequias celebradas na igreja anglicana de S. Jorge, à Estrêla, por alma da Rainha Maria. — *Á direita:* Os srs. sub-secretário de Estado das Obras Públicas e das Corporações em continência no momento de ser inaugurada a mata da Costa de Caparica. — *Em baixo:* O sr. Cardial Patriarca desembarcando do "Saturnia", de regresso de Roma onde fôra em visita "ad sacra limina" ao Santo Padre.

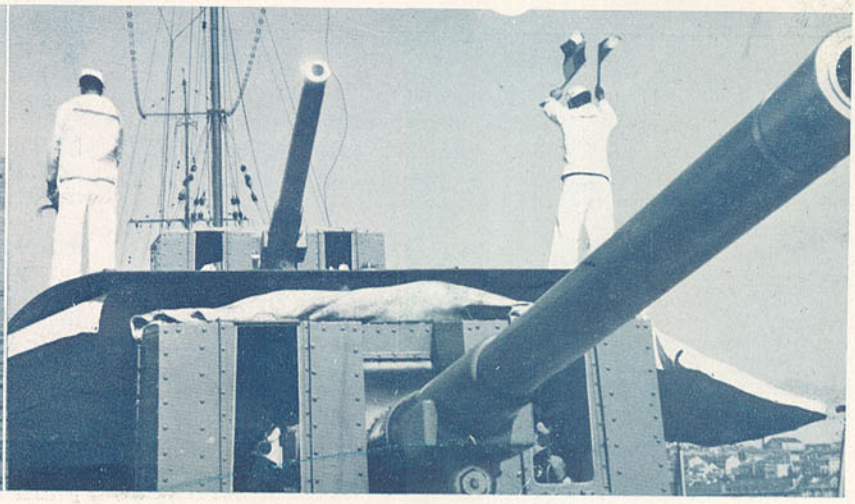
As relações luso-britânicas

As gravuras que ilustram esta página mostram o almirante Woodhouse, chefe da missão militar inglesa visitando o contra-torpedeiro "Douro", onde foi recebido pelos srs. comodoro Botelho de Sousa, comandante em chefe da Fôrça Naval de Exercícios; capitão de mar e guerra Álvaro Marta, comandante superior da Flotilha Ligeira, e capitão Sousa Uva, chefe do Estado Maior do comodoro. A bordo do "Douro", o almirante Woodhouse, tendo assistido ao funcionamento de diversos aparelhos, declarou que "Portugal e a Inglaterra têm qualquer coisa de útil a ceder mutuamente ao serviço dos seus interêsses"









Aspecto do juramento de fidelidade á Pátria e á República, por 28 mil atletas checoeslovacos

NO CORAÇÃO DA EUROPA

Os "Sokols", músculos da Checoeslováquia

DURANTE oito dias a Checoeslováquia em pêso esqueceu os mais graves problemas internacionais em que pela fôrça do destino está envolvida, para se dedicar de corpo e alma ao X Congresso dos *Sokols* que se realizou no decorrer do mês de Julho.

Sokol em checo quere dizer falcão. A sua origem como símbolo dos atletas do país que é o coração da Europa, data de 1861 quando a velha Boémia de S. Venceslau e as províncias irmãs da Morávia, da Eslováquia, da Silésia e da Rússia Sub-Carpática sofriam o jugo impiedoso dos Habsburgos. Então Miroslav Tyrs, e Henri Fügner, dois patriotas para quem o sonho da liberdade da terra mãe era a razão da sua existência, lançaram, ousadamente, a semente da qual nasceu a primeira associação de gimnástica. A àguia bicéfala austríaca viu, sem espanto, erguer vôo das montanhas da Boémia um falcão. Mas êsse falcão, símbolo da vontade de Tyrs e de Fügner, percorreu em céleres remígios as regiões que se encontravam intimamente ligadas pelo espírito checo. O anceio da independência dominava os homens. A pátria sofria agruras e era necessário criar um forte movimento cívico para que ela viesse a reconquistar a liberdade perdida por um casamento infeliz duma rainha da Boémia com um imperador da Austria.

Tyrs apareceu como um apóstolo, como um iluminado, alma forte num corpo são. O *Sokol* tornou-se, pouco a pouco, uma ameaça para Viena. Ele encarnava, admiràvelmente, tôdas as virtudes e tôdas as qualidades da forte raça checa. As associações de gimnástica começaram a desenvolver-se. Em vez de comícios revolucionários, Tyrs preferia as salas de cultura física. Em lugar de manifestações de protesto contra a tirania austro-húngara, o criador dos *Sokols* preparava homens fortes, arregimentava adeptos, formava legiões de atletas. Na Boémia e na Morávia o movimento alastrava como mancha de azeite. Mas não havia gritos subversivos, nem paradas hostís, nem agravos à imperial àguia que tinha o seu ninho em Viena, porque Viena deslumbrada com as valsas de Strauss, com as jornadas mundanas de Schoenbrunn, e com a poesia do Danúbio azul, ria-se, irónicamente, dêsses cépticos que ao Domingo em vez de se divertirem como tantos outros nas margens floridas do Vltava, preferiam ouvir as lições de Tyrs e seguir, cègamente, o seu método de cultura física.

Quando vinte anos mais tarde se realizou em Praga a primeira festa federal dos *Sokols* desfilaram pelas ruas desta cidade maravilhosa — das 100 tôrres e 12 pontes, onde Casanova, o genial e amoroso aventureiro de Veneza, morreu farto de tanto amar — 1.600 falcões enquanto 696 gimnastas realizavam, perante o entusiasmo oculto dos checos e a indiferença irónica dos austríacos, os seus exercícios de cultura física.

Só então a fútil Viena pensou a sério no perigo de consentir no desenvolvimento daquele movimento pacífico. Era porém tarde. Os "falcões" surgiam por todos os lados. O espírito de Tyrs criára raízes e a sua gimnástica fervorosos admiradores. A onda era tão grande que já alastrava por todas as regiões!... Dos Carpatos aos Tatras e daqui às planícies da Eslováquia e da Boémia, a maré de entusiasmo subia, subia sempre tonificando as almas e enrijando os músculos!

Decorrem os anos!... A fé dos patriotas não conhece o mêdo!... Nada os faz vacilar!... Nem ameaças, nem perseguições, nem tormentos... Há mártires já a glorificar um Ideal tão alto. A estrada da redenção desdobra-se na sua frente atapetada... de espinhos. Alça vôo, de garras afiadas, a àguia imperial, Mas ágil como a côrça bravia e rápido como a seta, o falcão furta o seu corpo sem lhe oferecer combate inglório. Só algumas penas constituem fracos troféus para ave de rapina tão orgulhosa da sua fôrça desmedida.

O herói morre sem assistir à redenção da Pátria. Mas o seu coração ali está a dizer a todos quantos, ostensivamente, seguem o seu método de cultura física que a Pátria confia inteiramente nêles.

Rebenta a guerra. O número de "falcões» ascende a cêrca de 150 mil. A Austria e a Húngria vão recrutar nas províncias checoeslovacas e especialmente entre os *Sokols* regimentos inteiros que são enviados contra italianos, sérvios e russos. Dá-se então êste fenómeno que desorientou os estados maiores dos dois impérios centrais ligados por Viena. Os soldados checos, à voz de Masaryk, novo apóstolo da Independência, passavam-se com armas e bagagens, como sói dizer-se, para o campo adverso, abrindo clareiras difíceis de tapar nas frentes austríacas. Em França forma-se uma legião constituida por todos os filhos da Checoeslováquia residentes no estrangeiro. E a-pesar-de não ser ainda um estado soberano, Masaryk em nome dos seus irmãos declara solènemente de Paris guerra à Austria.

A epopeia dos *Sokols* fugidos dos exércitos austro-húngaros até chegarem a França é digna dum poema heróico.

Os que se encontravam na frente Oriental, atravessam a gélida Rússia e preparam-se para vencer a distância infinita que os separa da costa siberiana do Pacífico quando rebenta a revolução comunista. Surge-lhes um novo inimigo. O caminho a seguir é só um: formar imediatamente ao lado do exército branco do general Wrangel. Na salvação da família imperial russa, generosa tentativa que só abreviou o sofrimento do imperador Nicolau, da imperatriz e dos filhos, os checos lançaram-se numa arremetida heróica contra os soviets de Ekaterinburg. Quando porém ali chegaram, não encontraram mais do que os corpos calcinados dos Romanoffs vitimas da sanha feroz e cruel dos novos bárbaros. Prosseguem, no entanto, na sua caminhada para o oriente, abrindo passagem a ferro e fogo.

Em Outubro de 1918 as potências aliadas reconhecem a independência da Checoeslováquia logo após ao pedido de paz dos austriacos e desde então, até hoje, em 20 anos, checos, eslovacos, moravos, silésios e sul-carpaticos unidos sob a mesma bandeira, só anceiam em criar um estado forte que se imponha à consideração de todo o mundo.

Pois foram êstes homens gimnastas e soldados, patriotas acima de tudo, que lançando as bases para a formação da nova república da Europa Central, deslumbraram os milhares de estrangeiros que no mês de Julho visitaram Praga e assistiram, no estadio de Masaryk e nas ruas da cidade, aos exercícios físicos e ao cortejo final dos *sokols*.

Oitocentos mil homens e mulheres constituem a legião imensa que enverga orgulhosamente o trajo garrido do *sokol*. No alto dum boné redondo, a pena de falcão. Sôbre o dôrso uma camisa vermelha. Depois, uns calções côr de azeitona e botas altas. Ao o ombro esquerdo um "dolman» igual ao dos antigos oficiais do exército austro-hungaro. Este é o fardamento de passeio e de parada. Porque outro êles têm para os exercícios de gimnástica.

Acompanhai-me numa breve evocação, para a qual não ha imagens nem palavras que traduzam com fidelidade o espectaculo verdadeiramente maravilhoso que os nossos olhos viram.

Praga tem 900 mil habitantes. Porém durante o último Congresso dos *sokols* a população duplicou. Veio gente de todos os cantos da Europa e até do Novo Mundo. Em maior número, numa eloqüente afirmação de solidariedade, os povos dos países balcânicos.

Assim, a todo o momento, pelas ruas da vetusta capital da Boémia, cruzavamo-nos com bulgaros, jugoslavos, montenegrinos, romenos e hungaros, "coktaill" de raças, de línguas e de sentimentos. Toda esta gente vinda especialmente a Praga para assistir ao X Congresso dos *Sokols*, envergava os seus trajos regionais duma riqueza de côres e dum pitoresco tão pronunciado que constantemente nos arrancavam exclamações de espanto. A Praça de S. Venceslau onde se ergue o monumento a êste santo patrono da Boémia, era a montra bizarra onde os nossos olhos de latinos gravavam essas imagens cheias de colorido e de elegância, que tornam a Europa Central o mais importante repositório etnográfico do Velho Mundo.

Mas era sobretudo o que se ia passar no estádio de Masaryk, a grande atracção do Congresso. Imaginai uma multidão de 200 mil pessoas em volta dum enorme rectangulo, e imaginai ainda a maioria dessa multidão constituida por checoeslovacos, tomada de verdadeiro delírio, gritar constantemente *Nazdar! Nazdar!* enquanto acenavam com lenços brancos. No alto voavam constantemente esquadrilha de aviões. Na tribuna presidencial Benés e os seus ministros. E, perto, todo o corpo diplomático e os jornalistas estrangeiros cumulados de gentilezas e honrarias.

Sol a pino. Vozearia ensurdecedora. Tocam charamelas. Do outro lado do camarote onde se encontra o chefe do Estado, escancaram-se dez enormes portões e entram em campo, como serpentes gigantescas, filas e filas de atletas, de 18 de frente. Não se ouve uma voz de comando. Não se vê um monitor. Só a música dirige os passos dos gimnástas e só a música os guia, depois, na execução dos mais maravilhosos exercícios de gimnástica que se podem imaginar. Essas legiões imensas avançam, em passo cadenciado, até ao meio do campo onde começam a obliquar para a direita e para a esquerda preenchendo todo o estádio. São 28 mil atletas, altos, espadaúdos, física e intelectualmente válidos.

Armando de Aguiar entre dois soldados montenegrinos em Praga

O branco das camisolas e azul escuro das calças oferece-nos uma combinação de côres que chega a ferir a vista. Vão pouco a pouco morrendo as aclamações e as notas musicais espalhadas por numerosos auto-falantes acabam por se impor e prender as atenções. É o momento em que os atletas filhos duma nova Olimpia, iniciam rítmicamente, os seus movimentos. Durante uma hora a nossa atenção concentra-se naquela massa da gimnastas que, sem o mais pequeno deslise, rigorosamente certos, embebidos na música que se evola pelo espaço, executam, cientificamente, os mais extraordinários exercícios que a concepção dum genial artista pode imaginar. Agora é uma nota mais grave que fere os seus ouvidos, traduzindo energia, movimento, vibração... Pois bem: os 28 mil atletas, como um só homem, sem a menor vacilação, dão a essa nota a interpretação precisa. E 56 mil braços — floresta imensa — prolongam-se na continuação do corpo. Ou então, depois duma flexão de pernas, chapam-se no terreno, hirtos, imoveis, na ponta dos pés e na palma das mãos... Ouve-se agora uma nota dolente, macía, que convida a sonhar... E os atletas deixam pender os braços, vagarosamente ou erguem-se do chão ao "rallenti»... Mas logo a música é uma dança nacional da Eslováquia, e prontamente, os gimnastas, sem nunca perderem a compostura, criam novas atitudes que arrancam à assistência prolongadas ovações. A música lembra depois o matraquear duma metralhadora. Quási não tem dolência, quási não tem harmonia. E os movimentos dos *sokols* são também duros, sêcos, bruscos.

Já estes 28 mil atletas deixaram o estádio depois do juramento de fidelidade à Pátria, e eis que 20 mil raparigas de blusa branca e saiote azul, na cabeça um gorro vermelho — as três côres da bandeira — vêm ocupar o lugar dos atletas garantia da independência da terra checoeslovaca. Dentro do tema *Saúde, Fôrça e Beleza*, as gimnastas criam atitudes dignas dum escultor. A música continua a ferir os ares e inspira as raparigas. Os seus corpos começam a mover-se lentamente, primeiro as mãos, depois os braços em seguida as pernas. Todas elas respiram saúde e vigor. São uma fôrça poderosa porque lhes cumpre educar os filhos no amor pela Pátria.

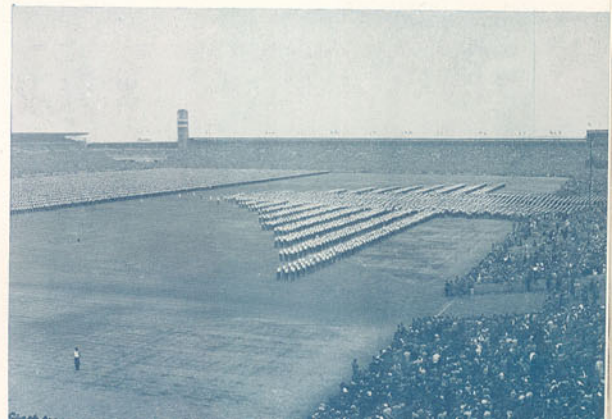
Respira-se ali o mais puro, o mais são, e o mais sincero patriotismo. Sente-se nessa multidão de almas generosas a grande elevação dos seus nobres sentimentos.

Impossível por mais tempo reter os aplausos que nos saem espontâneos e vibrantes. Só quem fôr à Checoeslováquia e assistir a esta formidavel e unica parada de gimnastas, pode afirmar que nos *sokols* tem a Pátria de *Masaryk* um exército tão poderoso como o que hoje se prepara para a eventualidade duma guerra, que ninguém deseja.

Praga — Julho.

ARMANDO DE AGUIAR.

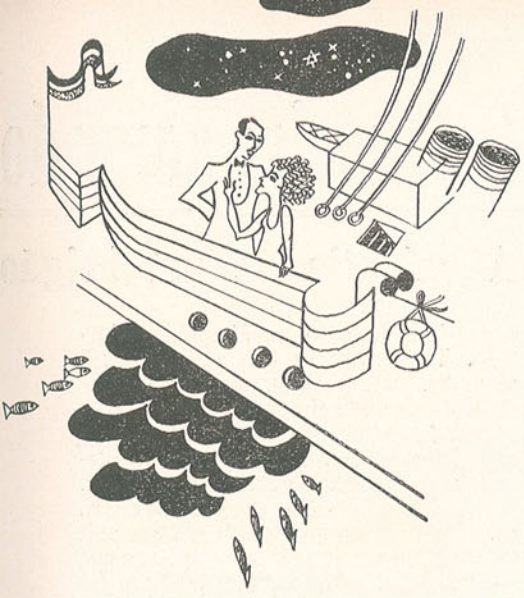
Desfile colossal que durou quatro horas no último dia do Congresso dos Sokols



A entrada dos «Sokols» no estádio de Masaryk em Praga

A VIDA ALEGRE DO ESTORIL

As fotografias que ilustram esta página mostram bem a alegria de quem teve a feliz ideia de ir passar a estação calmosa ao Estoril. Há países que, dando largas à sua expansão turística, enaltecem os encantos das suas praias considerando-as as mais belas do mundo. Isto se vê e isto se acredita, mas antes de ver o Estoril . . .



DIÁRIO DE BORDO

Uma hora em Gibraltar...

Dez horas...

O "Dempo" entrava vagarosamente no estreito de Gibraltar; no convés os turistas admiravam o espectáculo impressionante dum enorme rochedo abraçado pela água; tinha tôda a nobreza de um leão esculpido em pedra. Os viajantes estavam ansiosos por desembarcar, cheios de curiosidade por conhecer a *Chave do Mediterrânio.*

Entre a multidão bulhenta que se acotovelava, destacava-se um jóvem inglês, alto e esguio, com olhos que pareciam espelhar as águas do Estreito.

Chamava-se Geoffrey King e viajava só. Havia sòmente dois dias que embarcara, mas já se aborrecera.

Por várias vezes tentara um ligeiro *flirt* a bordo, mas as suas companheiras de viagem eram na maioria holandezas e acolhiam os seus galanteios com um sorriso amável, mas vago. Geoffrey estava desesperado; a vida sem convivência era para êle como o pão sem sal...

Mas eis que ao longe avistara o gazolina que havia de levá-lo para terra. Geoffrey tomou o seu lugar na bicha com um suspiro de alívio — uma hora em terra inglesa!...

Desdenhando os primitivos trens com toldo de cotim alinhados no cais, Geoffrey seguiu os seus companheiros que, em pouco tempo, invadiam e tomavam de assalto a Main Street, rua principal de Gibraltar. Aí admirou as lojas dos índios, com os seus bordados da Madeira, cobres batidos, marfins talhados, coiros e sedas artisticamente dispostos nas montras.

Depois parou no minúsculo correio para mandar um postal ilustrado a seus pais, em Inglaterra.

E como filho estremoso que era, entrou numa linda casa de índios cuja montra lhe chamara a atenção para comprar uma lembrança para os autores dos seus dias. Ao obsequioso e risonho rapazito côr de chocolate que o veio servir, pediu estatuetas em marfim, e, feita a sua escolha, preparava-se para abandonar o estabelecimento, quando deparou com uma rapariga que estava a ser atendida. Delgada e miúdinha, olhos cinzentos realçados pelos seus cabelos dourados, tinha todo o frágil encanto duma figurinha de Saxe.

— Avie-se, dizia ela para o caixeiro de tez azeitonada e dentes de pérolas, tenho de ir já para o cais, o paquete não espera.

Geoffrey aproximou-se radiante, farejando uma conquista tentadora. Ela estava um amor no seu singelo vestidinho de linho azul-claro.

— Posso ser-lhe útil? Acabo de desembarcar do "Dempo". Você parte pelo mesmo barco?

— Parto, sim.

— Então, se me dá licença, acompanhá-la-ei até ao cais. Deixe-me aliviá-la de alguns dos seus pacotes.

— Muito obrigado. Vamos depressa.

Ao chegarem ao cais, lá estava o gazolina apitando para chamar os passageiros distraídos que se deixavam prender nas garras de uma terra tão pitoresca e curiosa.

— Dá-me licença que me apresente? Chamo-me Geoffrey King. E você?

— Daisy Oakley. Vivo aqui todo o ano e vou passar as minhas férias ao Estoril.

O coração de Geoffrey fez variadíssimos e complicados projectos. Já nada o impediria de realizar o ambicionado *tête-à-tête.*

— Que coïncidência! Eu também para lá vou. Seremos camaradas, não é verdade?

— Porque não?

Foram para bordo e Daisy foi tratar da arrumação da sua bagagem. Depois, transformou-se numa gentil marinheira, calça comprida azul escura, blusa branca enfeitada com uma enorme âncora.

Quando subiu ao convés deparou com Geoffrey, que a esperava.

— Vamos jogar?

Geoffrey não respondeu, por um momento embevecido. A garota está deveras pêssega — pensava. E em voz alta dizia:

— Sim, vamos jogar *ping-pong.*

Jogaram durante meia hora, Daisy com muita agilidade, Geoffrey dando um impulso irresistível á sua bola. Depois cederam a vez a outros passageiros que também queriam experimentar as suas habilidades; e foram alegres dar a volta ao navio, dispostos a trocar confidências.

— O que faz você, Daisy? Trabalha ou está em casa? Tem muitos amigos?

— Trabalho. Faço a correspondência estrangeira no escritório de meu pai. Tenho muitos amigos; rapazes e raparigas.

— Prefere algum dêsses rapazes?

— Não.

Geoffrey respirou fundo, com alívio.

Daí a pouco tocava a sineta para o almoço.

A enorme casa de jantar estava muito fresca e arejada com as suas enúmeras janelinhas, cortinadas de tafetá verde. Ao centro, uma enorme ventoinha; em volta, vinte mesas artisticamente dispostas com as suas hortênsias e begónias, as suas toalhas finíssimas e talheres impecáveis. Uma curiosa nota exótica era dada pelos criados malaios, de tez torrada e sorriso acolhedor, enfeitados com os seus turbantes de muitas cores que lhes davam um ar de borboletas tropicais.

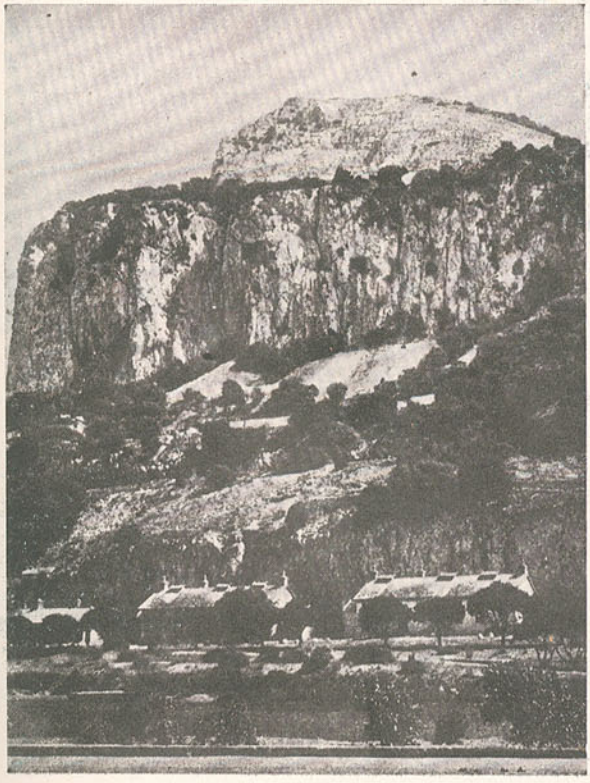
Findo o almoço os passageiros distribuiram-se pelas salas em volta do confortável vestíbulo para ler, escrever ou fumar.

Daisy e Geoffrey, no auge da sua viçosa juventude, preferiam o Sol. Duas cadeiras de lona no convés, e que lindíssimo panorama se desdobrava na sua frente! O mar prateado, embrenhado na sua eterna corrida, fustigando impacientemente as ondas de espuma...

Geoffrey voltou-se para a sua gentil companheira e segredou-lhe:

— Esta noite vou dançar com você ao luar. Será delicioso...

MIRIAM LEVY



O rochedo de Gibraltar com as suas formidáveis bôcas de fogo

A bravura dos «Capotes Brancos»

MUITO se tem falado do Marquês de Pombal, criticando-o cada um consoante as suas paixões no que diz respeito ao homem de Estado.

Pouco ou nada se diz acêrca do homem galante do século XVIII, que o foi — e dos bons.

"Sebastião José de Carvalho e Melo era alto, elegante, de uma grande galhardia de presença, e de um grande arrebatamento de ânimo„ — dizem os seus melhores biógrafos.

"A sua notável superioridade — conta Leite Bastos — assinala-se desde os primeiros anos, a par dos mais destros e dos mais intrépidos rapazes do seu

Sebastião José enfrentando os seus perseguidores

tempo, entre os quais a primeira qualidade, a dar jus, a uma invejável celebridade, era a valentia.

Sebastião José soube depressa conquistá-la de maneira que raros se atrevessem a contestar-lhe o direito em que a afirmava com todo o vigor do seu pulso e toda a pujança da sua robustez.

Depressa se viu rodeado de um bando de brigões e bulhentos fidalgos e peraltas da devota côrte do rei freirático.

Chefe supremo dêsse pequeno exército nocturno que era por essas noites temíveis da raquítica e imunda Lisboa de então, o terror dos homens bons, peões da reles vilanagem da velha cidade, não conhecia quem ousasse medir com êle forças nesses recontros nocturnos, além do infante D. Francisco que, por sua elevada categoria, e de mais prendas, se dava à liberdade de andar por essas ruas com seus lacaios e parciais a apalpar impunemente as costelas dos leais subditos, a quem as reais pragmáticas nem permitiam para defesa própria o uso de armas.

Mas porque o ânimo do esforçado lidador não admitisse que o seu adversário lhe suposesse a mínima sombra de medo, em qualquer parte onde o topasse — vestiu-se êle e os seus de branco, desde o capote até ao chapeu, desde os calções até aos sapatos, para que o vissem bem de longe, e bem de longe o temessem.

Favorecia assim os tímidos e castigava os pimpões.

E a fama das suas proezas chegava a ponto de provocar as invejas dos maiores brigões da Ribeira, desses que tinham dado a volta ao mundo, e provado nas Indias o seu denodo façanhudo.

Quando estavam galeões no Tejo, o bando branco via-se assaltado por tripulações em massa, que vinham a terra oferecer-lhe batalha em pleno Rossio, mesmo nas bochechas dos frades de S. Domingos, que não se atreviam nessas noites tormentosas a dar a sua fugida às casas fidalgas e devotas, onde a cubiça do joguinho, e as gulodices da ceia opíara atraíam suas reverendíssimas.

Mas, nessas rixas, nunca, que a alguém constasse, os do bando de Sebastião José ficaram mal. Ao contrário, em cada uma delas mais se lhe exallava o renome.

De sorte que o valente chefe, cujo garbo e gentileza estavam a par do dextro braço e do rijo pulso, começou de ser falado nos saraus e nos salões da sociedade lisboeta.

Poucas damas haveria nessa boa roda que não tivessem, por uma vez, com todo o recato a que obrigavam as conveniências, dirigido olhares de apaixonada admiração pelo galante lidador, ao vê-lo, garboso e gentil, passar nas ruas, ladeado dos mais celebrados peraltas da faustosa côrte de D. João V, destacando-se deles todos de uma maneira tal, que não era preciso conhecê-lo para ser logo adivinhado.

Mas de entre essas damas que o desdem do moço gentilíssimo fulminava, uma houve que sôbre todas lhe cativou singular e excepcionalmente o coração.

Era a sobrinha do conde dos Arcos, D. Teresa de Noronha e Bourbon, que havia quatro anos tinha enviuvado de

O primeiro amor do Marquês de Pombal

A valentia de um brigão num coração apaixonado

seu primo Antonio de Mendonça Furtado. Tinha trinta e três anos a gentil viuvinha, mas, ao vê-la, ninguem lhe daria mais de vinte risonhas primaveras.

Esta dama deveria ter qualidades muito superiores, espírito de muita ardência, decidida deliberação, génio muito altivo, muito insubordinado, digámo-lo assim, para que no moço leviano e desrespeitoso de velhos preconceitos que odiava — actuasse a ponto de lhe despertar no coração um sentimento para êle até ali novo e estranho; sentimento enorme, que aliás basta a exprimir em todo o fervor eloqüente e em todo o colorido da paixão, esta simples palavra — amor.

* * *

E desde que essa palavra saiu dos lábios daquele rapaz desenvolto e brigão, nunca mais os do seu bando tiveram chefe para correr catraeiros e marujos, e justar de vencida com fidalgos e lacaios.

Causou estranheza êste facto, e tanto mais que desde então o bulhento moço se começou de afeiçoar singularmente aos bons e sábios dominicanos.

Que fôsse amigo de frades o rapaz, nunca o dera a perceber.

Daí a natural desconfiança dos que o conheciam e tratavam mais de perto, a qual os levava a afirmar que não ia ali por bom o rapaz, ao palratório dos frades e às celas do convento onde eles estragavam o seu latim e entretinham a sua ociosidade.

E desta prevenção natural também suas reverendíssimas participavam. Quando êles viram lá por casa o endiabrado Sebastião José a cumprimentá-los muito, procurando cativá-los com as suas atenções e cortezias, puseram-se logo de atalaia, com o credo na boca, e a caldeirinha de água benta na mão.

Mas, pouco a pouco se lhes foi insinuando o ladino, a ponto de alguns preguntarem, na melhor boa fé, se êle pretenderia entrar para a ordem, ou se teria sido tocado pelas chamas do divino amor, que o chamava daquele modo contrito e humilhado à casa de Deus vivo.

De opinião contrária a esta, era, todavia, o guardião.

E tanto fez êle por afirmá-la e robustecê-la com a positiva eloqüência dos factos, que, um belo dia, achando-se o padre mestre da ordem em conferência, entrou o guardião a interrompê-los, traduzindo nos gestos e esgares uma grande e suprema indignação:

— Que tendes vós, irmão em Cristo?

— Estou abismado!

E quis citar não sabemos que versículo da Bíblia, ao que o prudente padre mestre se opôs para evitar barbarismo na recitação do latim, e heresia brava na aplicação do texto.

— Querem saber ao que vem cá o libertino Sebastião?

Não precisou esperar que lhe respondessem.

— Vem — prosseguiu êle — possuído do espírito de Satanaz, tentar as virgens do Senhor!

Esta alusão às virgens tentadas num convento de frades pareceu grande escândalo ao geral que abriu muito os olhos e suspendeu a pitada a meio caminho do nariz, para dizer:

— Irmão, explique-se em estilo menos figurado. Que tentações são essas de que fala a sua boca?

Êle, então, em ar de grande humildade, com os braços cruzados, o corpo dobrado ao meio, referiu que Sebastião José, através das grades da cela de Frei António da Consolação, se correspondia por sinais diabólicos com uma das sobrinhas do excelentíssimo conde dos Arcos, cujas janelas do palácio defrontavam com as do convento.

— E Frei António da Consolação que diz a isso?

— Não diz nada. Que ha de êle dizer, se, como Vossa Paternidade sabe, é quási cego!...

Em conseqüência deste facto, houve grande arruído no convento. Preveniu-se Frei António de que, ao menos, de futuro, puzesse óculos quando houvesse de receber visitas, e foi proïbido a Sebastião José, não só o ingresso nas celas dos frades, mas para além da portaria.

Em termos mais positivos: foi posto na rua, e o guardião é que, pela zanga e má vontade que tinha ao mancebo, se encarregou do desempenho da desagradável missão.

Não protestou a vítima, antes com docilidade seráfica se mostrou humilde e submisso.

É que lhe restava ainda, como último reduto, a portaria do convento, e essa estava êle resolvido a conservar a todo o transe.

Aí se instalou com tamanha teimosia, que os frades começavam já a desesperar de o remover dali para fora.

Alguns mais timoratos nem se atreviam a saír do convento, e o guardião só dentro da sua cela se julgava seguro.

Nisto, deu-se parte do ocorrido ao conde dos Arcos, para que êle admoestasse a sobrinha, e puzesse côbro ao escândalo.

Mas o leigo que levou a carta encontrou-se, por má sorte sua, com um dos parciais de Sebastião José, que já ao tempo tinha boa polícia, e recolheu, coitado, queixoso ao convento com um braço partido.

Estava a ponto de reünir o Capítulo para se tomar deliberação mais eficaz do que a das queixas ao conde, quando se recebeu carta de sua excelência em que, a par de muitas frases de reconhecimento pelo zelo que o aviso inculcava, se garantia em termos positivos o fim do escândalo.

Ora *Te-Deum laudamus*.

E os frades chegaram a condoer-se da triste sorte do infeliz moço.

* * *

Por casas fidalgas e privilegiadas sempre havia de sobra valentões provados em tôdas as especialidades da pimponice, por lisongearem os fidalgos e lhes serem agradáveis, ousariam cometer tôda a casta de atrocidades, de violencias e de crimes.

Foi a êsses valentões que o conde dos Arcos recorreu, associando a êles os seus próprios lacaios que também não eram de melhor têmpera, a-fim-de que todos juntos, infligissem uma boa lição, bem severa, a Sebastião José, e o moço galanteador se dissiduadisse do libertino propósito em que andava de lhe desencaminhar a sobrinha dos bons fins da obediência paterna.

Não poupou êle promessas, nem dinheiro, nem todos os recursos da sua influência pessoal, que era muita e bem poderia assegurar àqueles sicários profissionais do crime, não só o bom êxito da empresa, como a impunidade do cometimento, caso êle houvesse de ter mais sérias conseqüências.

Pôs-se a malta em campo, e temível e arrogante de petulância se apresentou; mas já era esperada e ainda melhor recebida...

Recolheram todos estropiados e corridos da primeira refrega, lastimosos da tosa, doridos da espinha, furiosos, capazes de tudo, menos da desforra desejada.

E o conde dos Arcos, ainda viu desta vez o seu plano malogrado.

— Dá-se cabo dêle.

— Estafa-se.

— Faz-se-lhe uma espera.

Mas nenhuma dessas tentativas logrou vingar a primeira afronta recebida.

Afinal o conde convenceu-se de que, por aquele modo, a continuarem as coisas assim, não encontraria um criado que o servisse, nem lacaio que se prestasse a receber soldada de tal amo.

Quando algum aparecia na rua, era de tal sorte corrido, que se o desgraçado não tivesse pé leve, só de maca lhe seria permitido voltar a casa.

Este estado de coisas tornava-se impossivel.

Então mudou de tática o conde de Arcos, e intimou à sobrinha ordem terminante de se recolher a um convento. Quando, porém, nisto se lidava, e numa bela manhã, ao ser procurada nos seus aposentos, D. Teresa tinha desaparecido!

A janela do quarto estava aberta, e do peitoril da sacada via-se suspenso um lençol de finissima bretanha. Nem tanto era preciso para se compreender a situação.

D. Teresa tinha fugido da casa de seu tio para os braços do namorado.

Semelhante deshonra manchava tôda

Como Sebastião José amava

a família, e guardou-se dela o mais absoluto segrêdo, na esperança ainda de serem encontrados os fugitivos.

Entretanto Sebastião José, deixou de aparecer na portaria do convento, e o guardião, cheio da mais viva impaciência, apressou-se a ir dar conta do caso ao conde, e agradecer-lhe a sua intervenção eficaz que tinha posto cobro àquele escândalo.

— Como quere vossa reverendissima que êle apareça — respondeu irado o conde dos Arcos — se o libertino fugiu há dois dias com minha sobrinha?!

D. Teresa casou, em segundas nupcias, com Sebastião José no dia 16 de Janeiro de 1723, indo viver para uma quinta que o futuro marquês de Pombal possuia em Soure.

Desasseis anos durou essa lua de mel. Num frio dia de Março, encontrando-se Sebastião José em Londres, teve o desgosto de ver morrer a sua querida companheira!

Sebastião José tornado marquês de Pombal

DAQUI A CINQÜENTA ANOS

JEANETTE MAC DONALD E SEU MARIDO EM 1988

Como ela julga ter descoberto a felicidade

Jeanette Mac Donald

ENQUANTO as jovens europeias se horrorizam só com a ideia de que hão de envelhecer, a encantadora actriz Jeanette Mac Donald, encontrando-se em pleno fulgor da mais radiosa mocidade, diverte-se com êsse terrivel espectro que, um dia, fatalmente, a empolgará.

Casando-se há meses com o jovem actor Gene Raymond, quis mostrar aos seus admiradores como será daqui a cinqüenta anos, se Deus lhe der vida e lhe conservar o marido.

Caracterizaram-se os dois com tal perfeição que seria muito dificil reconhecer nêsse simpático casal de septuagenários, os dois jovens artistas de hoje. A ideia partiu de Marie Blake, irmã de Jeanette, que celebrou uma festa em honra do marido Warren Rock, levando a sua fantasia fazê-la decorrer daqui a meio século.

Portanto, segundo os calculos de Jeanette Mac Donald, no ano de 1988, ela e seu marido serão assim...

Boas contas deita a formosa Jeanette que, como uma princezinha caprichosa, julga que tudo se curvará a seus pés, inclusivè o próprio Destino.

Quando casou, quis que o seu marido lhe desse uma casa que idealizara, rodeada de jardins e cavalariças com os mais formosos cavalos para os seus passeios. A casa, um verdadeiro ninho de fada... Tudo conseguiu... O marido satisfez-lhe todos os caprichos, adquirindo-lhe uma quinta ideal em Bel Air.

E ali vivem em deliciosa lua de mel ha alguns meses...

Que tempo durará essa ventura?

Jeanette pensa que o amor e a profissão de uma mulher se podem combinar maravilhosamente.

« — Naturalmente, algumas mulheres — salienta a graciosa artista — não foram talhadas para as actividades do mundo dos negócios. Para estas, o seu lugar é, incontestavelmente, na sua casa. Deve ter-se sempre presente que toda a mulher que antes do seu casamento teve uma vida activa em qualquer profissão, e que obteve êxito por mais insignificante que fôsse, não deve sacrificar o seu trabalho por causa do casamento.

«Em primeiro lugar, torna-se independente, visto depender de si própria, gastando o seu próprio dinheiro naquilo que mais lhe aprouver. Isto, como se compreende, desenvolve um certo orgulho que não lhe permite depender de quem quer que seja.

«Pessoalmente sinto-me assim. Se quero comprar um presente para alguma pessoa ou contribuir para determinada obra de caridade, tenho mais prazer em fazê-lo com o meu próprio dinheiro, e sem ser pesada a ninguem.

«Além disso, em algumas profissões — a de artista cinematográfica, por exemplo — há obrigações às quais ninguem, excepto a propria pessoa pode atender».

Jeanette Mac Donald pretende saber de uma maneira logica e definida o que uma mulher casada deve fazer.

« — Se tem uma carreira — prossegue ela — não a deve abandonar com o casamento. Toda a mulher deve ter um interêsse, pelo menos, além do seu lar. As suas actividades exteriores fazem com que permaneça mentalmente activa conservando o seu espírito juvenil, e tornando-o muito mais interessante. E assim não terá tempo para entrar em desacordos domesticos ou imaginar coisas que não existem.

«É claro que se impõe uma condição indispensavel: que a mulher seja feliz no trabalho que desempenha. Se não suceder assim então deve deixá-lo por completo e passar a dedicar-se inteiramente ao seu lar.

«Cá por mim, não acredito que exista um marido em todo o mundo que se oponha a que sua mulher trabalhe em alguma coisa que lhe dê felicidade, trazendo-lhe a agradavel sensação de que está fazendo algo de util.

«No entanto, — remata a artista — se prevalecer outra atitude por parte dela, o marido deve fazer os ajustamentos necessários, a fim de assegurar-lhe a liberdade económica».

Assim falou a encantadora Jeanette Mac Donald, ao cabo de um aturado estudo de alguns meses sobre o grave problema do casamento, considerando as suas observações como verdadeiras descobertas, e estas como outras tantas inspirações valiosas para as mulheres que não sabem se devem escolher o lar ou a sua carreira profissional.

Felizmente a erudita Jeanette não conhece os conselhos da nossa marquesa de Alorna que assentavam na seguinte base: «A mulher deve sair de sua casa três vezes em toda a sua vida: para baptizar, para casar e para enterrar...»

Não seremos tão vigorosos, visto alguma coisa se ter evoluído de então para cá. Mas, francamente, tambem não achamos que a gentil artista tenha absoluta razão no que afirma, nem que se possa tomar como absoluta a tal independência de que tanto se orgulha nestes primeiros tempos de lua de mel...

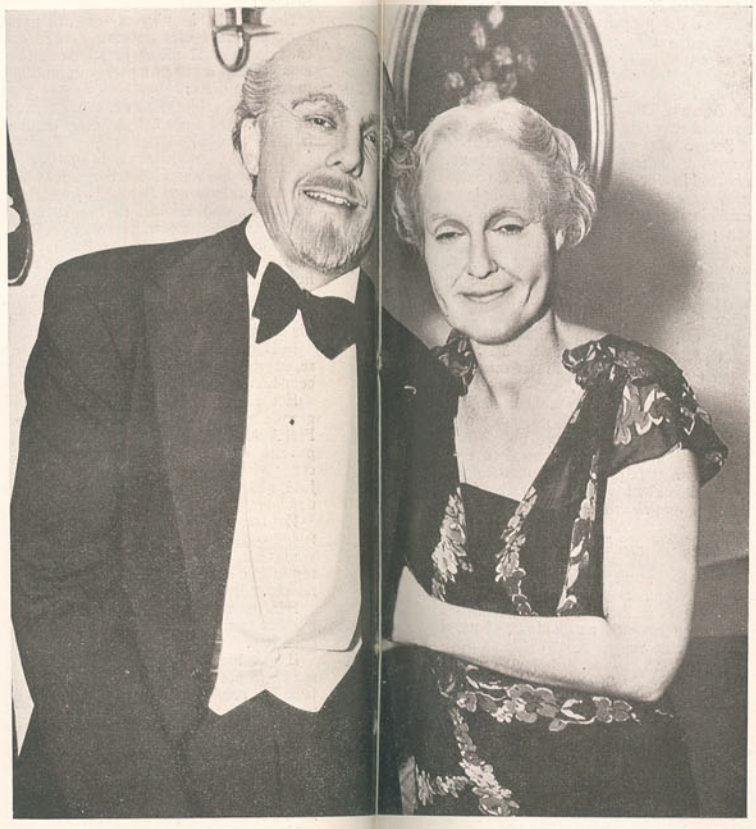
Desejamos ardentemente, no entanto, que se cumpra o seu desejo de nos aparecer daqui a cinqüenta anos de braço dado com o seu querido esposo. Muito grato nos será vê-la nessa altura, e dirigir-lhe algumas palavras amáveis que sejam outras tantas gôtas de bálsamo sôbre os muitos milhares de desilusões de que deverá ter então inundada a sua almasinha confiante.

E então verificará que a vida que ela sonhou cheia de encanto se transformou numa existência penosa que todos temos de arrastar, melhor ou pior, mas sempre insatisfeitos.

Compreenderá então a amarga verdade que o poeta espanhol traduziu nestes versos...

La vida es muy triste
Pero hay que vivirla!...

Pobre Jeanette! A vida surgir-lhe-á nessa altura, como uma coisa tão ínfima, tão mísera e tão rasteira, que não valeria a pena ter-lhe dedicado um sorriso!...



Jeanette Mac Donald e seu marido Gene Raymond daqui a 50 anos

Uma das salas da linda casa de Jeanette Mac Donald, presente de noivado de seu marido

Jeanette Mac Donal, o seu marido Gene Raymond e a mãe da artista, sr.ª Ana Mac Donald

Jeanette Mac Donald e seu marido tais como são agora

Vista aérea das trincheiras chinesas ao longo do Yangtzé

NO EXTREMO ORIENTE

PERDE A CHINA?...

ou no fim de tudo

O mundo está sendo surpreendido com a inesperada notícia de uma resistência ameaçadora de amarelos chineses contra amarelos nipónicos. As notícias recentes acêrca do conflito entre os dois povos torna possível a efectivação da esboçada ameaça. O govêrno chinês reage com coragem e valentia contra o temível exército invasor. Antes do presente conflito armado, que não tem a denominação de guerra declarada entre duas nações, a China, durante anos, tinha-se prestado, com submissão a duras humilhações infligidas pelo Japão. A política, porém, que aceitou essas humilhações, oferecendo a face direita para ser esbofeteada depois de ter recebido o golpe na face esquerda, política que dura há mais de dez anos, começa a mostrar o reverso da medalha. Para analisarmos até que ponto a política do chefe do governo, Chang-Kai-Chek e dos seus colaboradores se modificou, torna-se necessário recordar algumas dessas humilhações. Em 1934, na China do Norte, 30.000 soldados japoneses aniquilaram completamente 300.000 soldados chineses. Por essa ocasião o generalíssimo Chang enviou plenipotenciários chineses à pequena cidade de Tangku com o fim de tratar de paz com o Japão e ao chegarem à pequena cidade chinesa verificaram que ninguém viera esperá-los à chegada do combóio, nem ali se encontravam meios de condução que os transportasse da estação ao hotel ou a outra qualquer localidade onde repousar da viagem, e os plenipotenciários, que eram chineses de alta categoria, viram-se na contingência de fazer o trajecto de alguns quilómetros pelas estradas e ruas poeirentas até ao quartel dos japoneses, onde tiveram de esperar horas sob um sol ardente, até que os japoneses se dignassem abrir as portas da cidadela e introduzir aqueles altos dignitários. Aos olhos em viés do extremo oriente a paz de Tangku significou um ultrage vergonhoso para a China; paz que tem servido de pretexto para dar uma aparência de legalidade a quantos abusos japoneses e coreanos exerçam na China do Norte. Na primavera de 1936 vendia-se às claras em Peiping não só açúcar japonês, passado aos direitos, como sedas e papel para cigarros a preços inferiores aos direitos alfandegários que deveriam ter pago nas alfandegas chinesas e todos os dias entrava na China do Norte um combóio completo, cheio de fazendas de contrabando, proveniente do minúsculo império japonês de Manchuko.

As afrontas e humilhações chegaram ao seu auge quando os japoneses obrigaram oficiais da guarda fiscal chinesa a entregarem os seus revólveres, anunciando ao mesmo tempo que qualquer acto de fiscalização exercido no alto mar pelas autoridades chinesas contra barcos japoneses, portadores de contrabando, seria classificado de acto de pirataria e seria tratado em forma conseqüente. O Japão continuava assim incessantemente a esbofetear a China e o generalíssimo Chang continuava a oferecer o outro lado da face para receber novos esbofeteamentos.

Levou esta política até ao ponto de mandar espancar e prender pela polícia chinesa centenas de estudantes chineses, que haviam cometido o crime de promover demonstrações públicas em Peiping, Xangai e Tientsin, contra o Japão. Muitos historiadores chineses foram obrigados, para satisfazerem imposições de Tóquio a eliminar dos livros escolares, passagens de carácter anti-nipónico. Ainda em virtude instruções recebidas de Tóquio, Nanquim dissolveu muitos núcleos do *Kuomintang*, que é o partido politico do próprio generalíssimo e o único autorizado por êle. Mas esta política era uma política que mascarava outra, e, protegidos por ela realizaram-se na China factos que uma importância extraordinária, dos quais poucos chegaram ao conhecimento dos países da Europa.

Sob o governo de Chang a China construiu mais estradas do que havia construído durante três séculos. Os automóveis e camionetas roncam hoje a miudo pelas estradas e atravessam aldeias tão pobres que os seus habitantes não têm com que comprar combustivel para alimentar uma pequena candeia. As camionetas são empregadas principalmente no transporte de tropas fieis ao general Chang e os automóveis de carga são consagrados ao util e humanitário serviço de transportar alimentos às regiões assoladas pelas cheias ou pela fome ou, quási sempre, por ambas. Antes de Chang morriam chineses às centenas de milhar, porque os governos não podiam enviar socorros através de terrenos por desbravar, com a celeridade necessária para permitir a uma provincia, onde os abastecimentos abundavam, vir matar a fome a outra, que morria à mingua de alimentação.

O exército dispõe de 250.000 soldados chineses presos ao prestígio de Chang, como ao de um profeta, que terão por missão empurrar á sua frente 2.000.000 de chineses melhor ou pior apetrechados e de, em caso de necessidade, abater a tiro aqueles que na reta-guarda se queiram furtar ao serviço.

Foi com êsses 250.000 homens fieis ao generalíssimo, como cães, que êle perseguiu os comunistas chineses durante cinco anos numa vastidão de 3.500 quilómetros, através de sete províncias, até Kansu, onde se refugiaram e ainda dominam.

Algumas autoridades chinesas estavam em desacôrdo com o ditador, mas depois de terem sido atacadas pelos exércitos vermelhos, com o susto, voltaram-se para Chang, como para um salvador e festejaram a aproximação das suas tropas com grande entusiasmo.

Há algum tempo Chang teve de convocar os governadores das províncias e todos compareceram ao apêlo e afirma-se que todos êles juraram que estariam ao lado de Chang no caso de um ataque japonês.

Estas circunstâncias e a reacção contra as humilhações sofridas produziram tal efeito que hoje se supõe que Chang conseguiu uma unidade da nação chinesa descconhecida do país desde séculos.

Chang é hoje o homem mais eminente do Extremo Oriente; os chineses prestam homenagem ao seu herói com entusiasmo e alegria intensa e o Japão vê nêle o seu mais terrível inimigo.

Em Toquio sabe-se que quanto mais êle unificar a China; quantos mais aviões de guerra comprar aos Estados Unidos, quantos mais canhões adquirir na Rússia tanto menores são as probabilidades do Japão em alcançar uma vitória rápida e surpreendente.

No verão do ano passado o Japão ansioso por criar motivos que pudessem provocar uma guerra, que nesse momento seria rápida e esmagadora, enviou para Nanquim, por intermédio do seu embaixador, Kawagoe, que os chineses odeiam, propostas ultrajantes a que êstes responderam com contra-propostas de uma independência sem precedentes em todos os anos da política de humilde subserviência chinesa.

Uma das propostas básicas do Japão dava a êste país o direito de enviar tropas suas para todos os pontos da China, onde os seus governadores fossem atacados pelas tropas comunistas; a esta proposta a China respondeu que achava prematuro conceder tais direitos em tôdas as suas províncias mas que estava disposta a concedê-los na Manchúria, no Jehol, no Hopei Oriental e no Chahar do Norte; exactamente nos pontos em que os japoneses já estão instalados e onde dominam.

Esta contra-proposta ia concebida nos termos mais requintados da cortezia diplomática chinesa, mas a ironia desesperou o govêrno do Japão e o seu embaixador e provocou grande gaudio no povo chinês que apreciou altamente aquela "boa partida".

Quando Chang completou os seus cinqüenta anos houve grandes demonstrações de regosijo. Chang tinha combatido os dois grandes males gêmeos, que ameaçavam a ruína da China; a sua desunião e o comunismo, e a política nacionalista do ditador justificavam plenamente uma expansão de alegria popular, como nunca antes o povo se tinha manifestado.

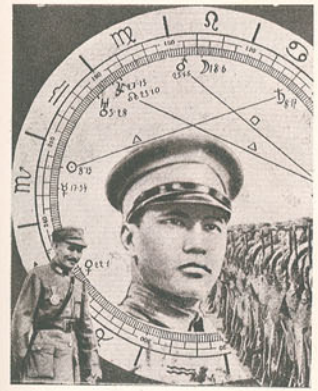
Se os grandes cartazes decorativos, em que os chineses são exímios, em que o patriotismo chinês se expandiu por essa ocasião fossem o suficiente para provocar uma declaração de guerra, certamente que esta teria rebentado em face da grande figura de Chang-Kai-Chek, sôbre as grandes muralhas da China, empunhando uma espada e incitando o povo a segui-lo para invadir o Manchuko japonês. O bolo colossal do aniversário continha a cópia dos 50 aviões de ataque, que haviam sido o presente do povo ao seu ditador:

Além dêstes 50 aviões, o povo ainda concorreu com tantas dádivas em dinheiro para fundo da aviação que o govêrno decidiu adquirir mais 50 aviões. No seu discurso de agradecimentos a amigos, admiradores e partidários Chang teve estas palavras: "Conseguimos a união da pátria e o aniquilamento do comunismo, os dois grandes males que nos ameaçavam. O nosso país pode hoje manter a ordem interna sem o auxílio de nenhuma outra grande potência. Para a frente, patriotas, na reconquista daquela antiga confiança nas nossas próprias fôrças, confiança que era a base da nossa independência e mostremos ao mundo que a China é ainda capaz de grandes feitos!"

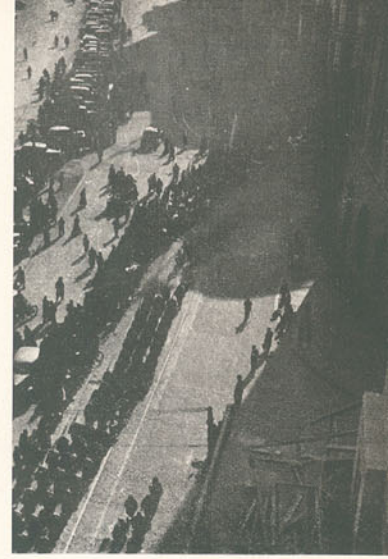
ADOLFO BENARÚS

PERDE O JAPÃO?...

perderão ambos?



Chang-Kai-Chek



Uma curiosa vista do Band de Xangai com uma coluna de soldados japoneses

A grande muralha da China

Soldados japoneses levando víveres às crianças chinesas em Xangai. — À direita: tropas nipónicas desembarcando no Yangtzé

A senhora para a criada chegada da província:

— Maria, amanhã vamos à mata de Benfica fazer um pique-nique. Você é que há de servir-nos o almoço na relva...

— Ai que bom, minha senhora! Como eu me vou lembrar do tempo em que ia levar as vacas à pastagem!...

■

O medico — Isso tudo é devido ao abuso que fez do alcool. Precisa de passar um ano, pelo menos, só a leite.

O doente — Já estive nesse regime, sr. doutor.

O medico — Quando?

O doente — Nos primeiros dez meses da minha vida...

■

— Mas que atrevimento! — brada o pai furioso. — O senhor a beijar a minha filha?! Que lhe parece? Responda!

— Parece-me delicioso! — responde imperturbável o noivo.

■

— Sente calafrios?

— Sim, sim, sr. doutor.

— E tem tremores a ponto de lhe baterem os dentes, não é verdade?

— Ah! isso não, senhor. Os dentes não me batem, porque estão ali na mesa de cabeceira.

■

Num comício feminista, uma oradora grita:

— Se excluírem as mulheres, o que fica?

— Ficamos nós! — grita lá do fundo a voz forte de um homem.

■

— Menina, estou espantada de ver-te deitar a língua de fora a quem passa.

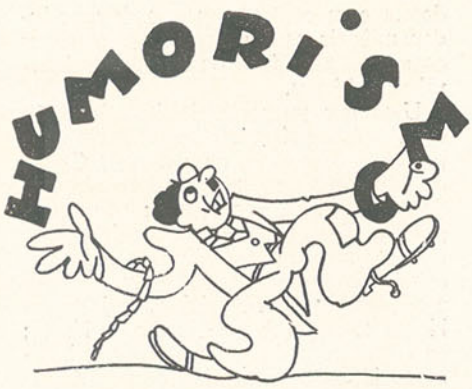
— Não é nada de mal, mamã. Era o doutor que ia passando.

■

— Porque voltas com o balde vasio? A vaca velha não deu nada?

— Deu, sim, senhor: oito litros e um coice que entornou o balde.

— Mas... Há um mês disse-me você também que lhe morrera a sua tia...
— E' verdade... mas... é que hoje é o entêrro!...



Num grupo, conversa-se a respeito de estátuas e alguém observa que elas representam quási sempre homens. Um dos presentes tem êste comentário.

— Nem podia deixar de ser! É dificílimo fazer a estátua de uma mulher, por causa da questão da parecença...

— Essa agora!

— Sim... Não vêm que o modêlo tem de estar imóvel. Ora uma mulher, que não se mexe nem fala nunca se parece com a realidade.

■

João — O pai mostrou-se violento quando lhe pediste a mão da filha?

Carlos — Levado dos demónios! Em vez de me dar a mão da filha, ia-me arrancando um braço a mim.

■

No tribunal:

O juiz — O reu matou a vitima com tal ferocidade que a navalha lhe atravessou o coração.

O reu — Quero, no entanto, observar a V. Ex.ª que tinha feito desinfectar a ponta do ferro.

■

No tribunal do comercio:

— Mas o senhor não via que a sua *quebra* era fraudulenta?

— É que eu, sr. Juiz, sou da velha raça de antes *quebrar* que torcer.

■

— És casada, Brigida?

— Sim, minha senhora.

— E tens filhos?

— Sim, minha senhora: tenho três. Um é da terceira mulher de meu marido e dois da segunda mulher do meu primeiro.

■

Um jovem desejava concorciar-se com uma rapariga cuja mãe tardava em dar o seu consentimento para o enlace. O rapaz pediu ao pai que fôsse advogar a sua causa junto da pouco condescendente senhora. O pai pronunciou uma eloqüente defesa.

— Pelo que vejo, seu filho tem a maior pressa em casar-se com minha filha — observou a mãi.

— Sim, minha senhora. Tarda-lhe ter uma sogra como a senhora...

No Estoril, um individuo riquíssimo dispõe-se a saír do Casino sem pagar o jantar.

O criado, que supõe tratar-se de um esquecimento, diz-lhe com a maior amabilidade:

— Queira perdoar... Eu já dei o troco a V. Ex.ª?

■

Um rapaz cheio de pretensões comprou um barco à vela e pôs-se a exibi-lo no mar de Sezimbra. Farto de fazer asneiras, volta-se para um velho do mar que seguia a manobra, e diz-lhe:

— Como vê, vou lindamente. O que é que me falta?

— Aprender a nadar.

■

— Não tenho casa!... lamuriava um pedinte.

— Tenho muita pena, pobre homem! Eu tenho uma só. Mas se você quizer deshipotecá-la, dou-lha de presente.

■

O Sousa encontra o Pires, cuja expressão de contentamento o surpreende.

— Você tem o ar feliz de um homem que vai gozar férias!

— Não — responde o Pires — quem vai é a minha mulher.

■

A patroa — Maria, você estava a conversar, ontem à noite, com um homem, na cozinha. Ora eu não gosto disso.

A criada — A senhora está enganada. Olhe que estávamos na sala.

VIDA ELEGANTE

Baptizado

Na Casa do Cruzeiro, residência de verão da sr.ª D. Maria Camila Schroter Viana Carneiro Pacheco e do sr. dr. Carneiro Pacheco, ilustre ministro da Educação Nacional, realizou-se o baptizado de seu filho António Maria.

Presidiu ao acto o sr. Cardial Patriarca, tendo a cerimónia revestido absoluta intimidade. Foi padrinho do neófito o sr. Augusto Carneiro Pacheco, irmão daquele membro do Govêrno, sócio da grande casa comercial Sotto Mayor & C.ª, residente no Rio de Janeiro, representado pelo sr. dr. Mário Carneiro Pacheco, e madrinha Nossa Senhora da Conceição, por quem simbòlicamente tocou a criança a sr.ª D. Maria Claudina Abreu Sampaio Carneiro Pacheco em representação da tia do neófito sr.ª D. Amélia de Sousa Carneiro Pacheco.

Praias e termas

COSTA DE CAPARICA

Meu presado amigo D. Nuno — Aproveito a ocasião de estar com a pena na mão para lhe dar umas informações sôbre a Costa de Caparica, para a secção «Vida Elegante» da bela revista «Ilustração», secção que o meu presado amigo tem a seu cargo, aí vão as informações.

A Caparica de hoje, não é a Caparica de há anos, transformou-se por completo, está mudada e, você se cá vier, não a reconhecerá. A sua freqüência é outra, mais elegante, e animada, que dá gôsto vêr. São pessoas conhecidas no meio elegante como se verá pela nota de alguns nomes que lhe envio de pessoas que aqui se encontram passando a estação calmosa, êles aí vão:

Marquesa do Funchal e filhos, D. José Luís da Câmara de Saldanha (Rio Maior) e família, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto e família, dr. Alfredo Ary dos Santos e família, dr. Abranches Ferrão e espôsa, António Galhardo Nunes Guerra e família, Gastão Luís Horta e Costa e família, Fernando Burnay, Manuel Alzina e família, Conde do Juncal e família, dr. Eurico Pais e família, Fernando Castelo Branco e espôsa, senhora de Sá Dias e família, Carlos Van-Zeller Palha e família, João Cardoso de Mendonça e família, Aires de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, dr. Francisco de Meneses Fernandes Costa, engenheiro Carlos de Carvalho, tenente António Lopes e espôsa, May Hanny, tenente Aureliano Sobral Gomes, D. Dora N. Kamp, dr. Mário Lima Alves, Per Nerson, capitão Raúl Martinho, miss. A. M. Travers, tenente Mário Arnaldo da Silva, João Manuel Marques e esposa, dr. António Simões de Castro Pina e família, dr. Herre Steinmatz e sobrinha, José Lino Mercier, major Mário França e esposa, dr. Chaves de Almeida e família, Artur Pereira Freire, R. C. de Oliveira e Silva, Lloyd e família, Daniel Queirós e família, Herr Ludwing Wagner e família, Alvaro de Almeida e família, etc., etc. Seu amigo e muito obrigado. «João».

NO PALACE DO VIDAGO

No Palace do Vidago encontram-se em veraneio, gozando os encantos desta formosíssima estância, os srs.:

Vasco Pinto Basto e esposa, Conde de Caria e esposa, António Pinto Basto e esposa, D. Ester de Sousa Lobo e Azevedo, Bento Nunes de Andrade Júnior e esposa, dr. Augusto Camossa Salsanha e esposa, Hebert W. Jennings, Francisco Queiroz e irmão, Inês Marques Pinto, dr. Serras Pereira e esposa, Manuel Alves Cepas, esposa e família, D. Aura Bissaia Barreto, José Martins, esposa e família, Dr. André Felcien Champsaur e esposa, M.me Eugenie Barrá Champsaur, D. Maria Manuela Sousa Bastos, R. B. Paten e esposa, António Henriques e família, José de Sousa e Melo, Carlos José de Carvalho, José Marques Pinto da Costa e esposa, José Pereira da Silva e esposa, Augusto Oliveira Gomes, D. Maria Manuela Barreto, Mário Chaves, Artur Carinha Tôrres e esposa, dr. Vasco de Oliveira e esposa, Augusto Guerra Junqueiro e esposa, D. Ana Guerra Junqueiro, Amé Leroi, ministro da França e filhas, dr. Fernando Vasconcelos e esposa, Domingos Brifa e família, e dr. Egas Moniz e esposa.

Casamentos

Na paroquial de S. Jorge, em Arroios, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Blanc Bliebernicht, gentil filha da sr.ª D. Luiza Blanc Bliebernicht e do sr. Ernest Bliebernicht, com o clínico sr. dr. Armando Ducla de Sousa Soares, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Domingues Ducla de Sousa Soares e do sr. tenente-coronel sr. Possidónio Augusto Ducla de Sousa Soares, já falecidos. Fôram madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo, sr.ª D. Maria José Ducla Soares Pereira Coelho e de padrinhos o pai da noiva e o cunhado do noivo coronel sr. José Maria Pereira Coelho.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Celebrou-se o casamento da sr.ª D. Adelaide Monteiro Caldeira Alvim Polvora, interessante filha da sr.ª D. Maria Eugénia Monteiro Caldeira Polvora, e do sr. Abel Gomes Polvora, com o sr. João Elias Cesar Nunes, filho da sr.ª D. Maria Bárbara Cesar Nunes e do sr. João Cesar Nunes, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Avelino Vazquez Alvarez.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Hermínia Carrasco, gentil filha da sr.ª D. Clotilde Rodrigues Carrasco e do sr. dr. José Martins Caeiro Carrasco, com o sr. Libânio Gomes Raposo, filho da sr.ª D. Emília Bandeira Gomes Raposo, e do sr. Jaime Fernandes Raposo, servindo de madrinhas a sr.ª D. Margarida Angélica Fernandes Raposo e a mãi do noivo e de padrinhos o nosso presado colega na imprensa, sr. Urbano Rodrigues e o pai do noivo.

Acabada a cerimónia, foi servido um finíssimo almoço, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Em Monção, celebrou se na capela particular do antigo palacete da família Sotomaior, hoje propriedade dos tios da noiva sr.ª D. Zilda Cardial Andrade e do distinto clínico sr. dr. Domingos de Andrade, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Andrade Pereira Santiago, gentil filha da sr.ª D. Brazilda Andrade Santiago e do sr. Joaquim Guimarães Pereira Santiago, ilustre director do nosso presado colega «Terra do Minho», com o tenente de cavalaria em serviço, na Escola Prática de Torres Novas, sr. Armando Lopes, filho da sr.ª D. Gracinda Vaz Lopes e do sr. Domingos José Lopes. Fôram madrinhas as sr.as D. Zilda Cardial Andrade, tia da noiva e D. Georgina Folhadela Melo Costa, e de padrinhos os srs. dr. Domingos de Andrade, tio da noiva e Alexandrino Dias Costa, presidindo ao acto o coadjutor da freguezia de Vila Nova de Famalicão, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução; sendo acolitado pelos reverendos Luís Abreu e Melo, prior de Monção, e Bento Gomes, antigo capelão da Casa Real, e prior aposentado de Alpiarça.

Serviu de caudatária, a menina Rosa Maria Aguilar Maciel, gentil filhinha do nossa presado colega na imprensa sr. Artur Maciel.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos, a quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o sul do país, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na capela da Quinta do Crasto, em Serzadelo, Guimarães, propriedade da sr.ª D. Adelina de Morais Guimarães de Freitas, o casamento de sua interessante filha D. Maria Adelina, com o sr. Carlos Luís da Costa, proprietário no Porto, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a mãi do noivo sr.ª D. Benilde Berta de Morais Coutinho Costa e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Valeriano Mota.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa da Quinta de Crasto, um finíssimo lanche seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel, para a Praia da Rocha, onde fôram passar a lua de mel.

— Na igreja inglesa de S. Georges, celebrou-se o casamento da sr.ª D, Isabel de Melo Tedeschi, neta do falecido governador da índia sr. general D. Jorge de Melo, com o distinto artista sr. Daniel Martins, funcionário da companhia de seguros Comércio e Indústria, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Josefina de Melo e D. Maria Albertina de Souto Pimentel de Vasconcelos e Sá e de padrinhos os srs. Alexandre Ascenção Cardoso e José Jorge de Vasconcelos e Sá, admidistrador da companhia de seguros Comércio e Indústria, presidindo ao acto o reverendo H. Williams. que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

O sr. Cardial Patriarca na capela da residênela do sr. dr.. Carneiro Pacheco, ilustre ministro da Educação Nacional, com o neófito, seus pais, padrinho e outras pessoas que assistiram à cerimónia

Um aspecto do Copo de Agua na inauguração da Praia do Vidago

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Florinda Pinheiro Guedes, com o sr. Vítor Pence de Brito Moutinho, sub-tenente engenheiro maquinista da Armada, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Lucinda Guedes e D. Celestina de Brito Martinho, mãi do noivo e de padrinhos os srs. Dagoberto Guedes, tio da noiva e Gaspar de Brito Martinho, pai do noivo.

Findo o acto foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Celebrou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Alda Suzete Ferreira, com o sr. Rui Valente Barata, foram padrinhos por parte da noiva, seus pais a sr.ª D. Elisa da Conceição Ferreira e o sr. Artur João Ferreira e por parte do noivo, a sr.ª D. Rita Alçadade Paiva e o sr. Francisco Paiva Tavares.

Finda a cerimónia foi servido um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Barroca Grande, no Fundão onde foram fixar residencia

— Na paroquial de S. Vicente, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Elvira Maria Vieira, com o sr. José Predo Grácio, tendo servido de madrinhas as srs.as D. Celeste Pais da Silva e D. Judite Jesus Grácio e de padrinhos os srs. Antonio Pais da Silva e Joaquim Pedro Grácio

Acabada a cerimonia foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de artisticas prendas.

— Para seu filho o sr. dr. Armando Stichine Vilela, foi pedida em casamento pela distinta artista sr.ª D. Ilda Stichine, a sr.ª D. Josefina de Mendonça, interessante filha da sr.ª D. Beatriz de Mendonça e do ilustre clínico especialista de nariz, garganta e ouvidos, sr. dr. Alberto Luiz de Mendonça, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

Presidido pelo prior da freguezia reverendo Oliveira Reis, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Pinto Cardoso da Veiga, gentil filha da sr.ª D. Rita de Cassia Gomes Pinto Cardoso e do distinto pintor sr. Simão da Veiga, com o sr. José de Aboim de Azevedo Borges, filho da sr.ª D. Luiza Correia Manuel de Aboim Borges e do sr. Francisco Paula de Azevedo Borges, já falecido, servindo de madrinhas as sr.as D. Lucinda Helena de Carvalho Proença e D. Julieta de Passes Parente Tamegão, e de padrinhos os srs. António Justino Maria da Costa Praça e João de Aboim de Azevedo Borges, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia, durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos noivos, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Marcia Alcântara de Albuquerque e Castro Amaro, esposa do coronel sr. Ernesto Gonçalves Amaro, ilustre comandante da Escola Prática de Infantaria, foi pedida em casamento para seu filho Eduardo Henrique, distinto médico-veterinário, a sr.ª D. Margarida Alice Mendes Pinto de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Ana Mendes Pinto de Carvalho e do sr. Manuel Pinto de Carvalho, funcionário dos Serviços de Fazenda da Colónia de Angola, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Manuela de Azevedo Alcântara, interessante filha da sr.ª D. Gertrudes de Azevedo Alcântara, e do nosso querido amigo sr. Vicente Alcântara, empresário dos cinemas Odeon e Palácio, com o sr. Elízio Julião Limpo de Lacerda, tendo servido de padrinhos os pais do noivo e o irmão da noiva sr. Rafael de Azevedo Alcântara.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos, um grande número de valiosas prendas.

— Na residência da família da noiva, realizou-se o casamento da sr.ª D. Auzenda da Conceição Afonso, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição Afonso e do sr. António Maria Afonso, já falecido, com o sr. Carlos Moreira, filho da sr.ª D. Maria Gomes Moreira, já falecida e do sr. João Gomes Moreira, servindo de madrinhas as sr.as D. Piedade de Palma e D. Júlia de Almeida Paixão e de padrinhos os srs. Kuno Weltzien e Fernando Paixão, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. Benjamim Mendes Godinho, chefe de Posto Administrativo em Africa Oriental Portuguesa, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Clementina Chamiço esposa do sr. dr. Casimiro Chamiço, a sr.ª D. Maria Adelaide Soares Andrea Ferreira Lencastre e Meneses, interessante filha da sr.ª D. Maria Amélia Soares Andrea Ferreira Lencastre e Meneses e do sr. Luiz Pereira de Lencastre e Meneses, chefe de secção de 1.ª classe da Secretaria Judicial da Comarca de Tôrres Vedras, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste mês.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Margarida da Cunha Pignatelli Teles de Vasconcelos Correia de Aguiar, esposa do ilustre advogado e deputado da Nação, sr. dr. António de Aguiar. Mãe e filha estã felizmente bem.

— A sr.ª Viscondessa da Corte filha dos srs. Condes das Alcaçovas, teve o seu bom sucesso, na Quinta de Santa Clara. Mãe e filho encontram-se felizmente de saude.

Na Maternidade Dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Laura Martins de Lima, esposa do sr. Humberto Martins de Lima, assistida pela distinto cirurgião sr. Dr. Costa Felix. Mãe e filha estão de perfeita saude.

— Teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. Dr. D. Pedro da Cunha (Olhão), a sr.ª D. Margarida Soto Maior Morais Amado, esposa do sr. Morais Amado. Mãe e filho, encontram-se felizmente bem.

— Assistida pelo distinto cirurgião sr. Dr. Silva Araujo (Pai), teve o seu bom sucesso, na Casa da Saude de Bemfica, a sr.ª D. Carlota Coelho Reis, esposa do sr. Coelho Reis. Mãe e filha estão bem de saude.

— A sr.ª D. Maria Helena Santos Lima Leite de Faria, esposa do distinto dermatologista, sr. dr. Miguel de Faria, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Eugenia da Silva da Camâra Pires, esposa do sr. dr. Joaquim da Câmara Pires, distinto interno da Maternidade Dr. Alfredo Costa, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filha estão bem de saúde.

— A sr.ª D. Luiza Rosado Botelho, teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha encontram-se felizmente de saúde.

— Em Bouças, perto do Porto de Moz, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Laurinda Bexiga Antunes Mendes, esposa do sr. José Pires Galveias Mendes. Mãe e filho estão bem de saúde.

D. Nuno.

O sr. ministro da França na Praia do Vidago

ACTIVIDADES ALEMÃS

A visita do chefe do Estado Maior Italiano, general Pariani a Berlim. O ilustre visitante com o capitão general von Brauchitsch

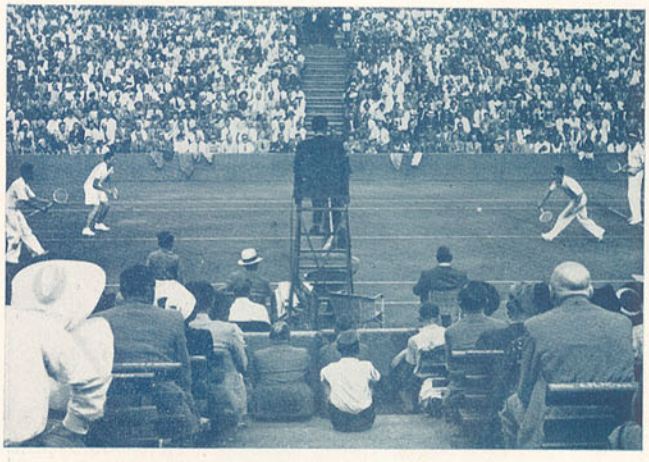
A inauguração da «Grande Exposição de Belas Artes Alemã de 1938», em Munich, vendo-se Hitler ao centro da primeira fila

Hitler na festa gimnástica e desportiva de Breslau

O chefe do desporto alemão na festa gimnástica de Breslau

O famoso salto nas barras mantendo as pernas abertas

O regresso da volta aérea internacional de Itália, vendo-se o triunfador alemão satisfeito com o extraordinário êxito obtido



A disputa da «Taça Davis, 1938» que foi ganha pelos alemães. A' esquerda Puncec e Kukuljevic, e à direita Henkel e von Metaxa

O Sanatório da Quinta dos Vales visto de avião

A obra antituberculosa de Coimbra

Subordinado a êste título apresentou a Junta de Província da Beira Litoral na Feira de Amostras recentemente realizada no Parque da Cidade, de Coimbra, por ocasião das festas da Raínha Santa, um stand de linhas elegantes que se impunha pela sua artística decoração e despertava o mais legítimo interêsse pela elucidativa documentação dos trabalhos já executados com tal objectivo e dos quais se pode concluir que é êste o ponto do País onde essa obra tem sido mais cuidada.

Á frente do edifício, que estava exteriormente pintado de vermelho vivo e no interior de lilás suave, viam-se dois curiosos canteiros de jardim, ostentando o do lado esquerdo as iniciais dêste organismo, formadas por pequenas plantas e o da direita lindas e frescas flores. Dispersos pelo terreiro, em volta do stand, vários vasos, também com flores e plantas.

Ao entrarmos deparava-se-nos, na parede ao fundo, e ao centro, um medalhão com o busto do ilustre Presidente do Ministério e, seguindo pela esquerda, uma completa colecção de fotografias reproduzindo os mais flagrantes aspectos do Parque Infantil Dr. Oliveira Salazar, Jardim de Infância D. Maria do Resgate Salazar, Sanatório de Celas, Dispensário do Pátio da Inquisição, Preventório de Penacova, Escola Agrícola de Semide e das Colónias de Férias, os principais baluartes empenhados nesta titânica luta, que a antiga Junta Geral do Distrito criou e agora a Junta de Província, que lhe sucedeu, mantém com igual carinho. Via-se ainda ali uma maquete das casas económicas do Loreto em adiantada construção, mesmo quási concluidas algumas delas, cento e vinte moradias, de quatro tipos diferentes.

Deixámos propositadamente para fecharmos estas notas uma referência – que a merece muito especial – ao *Hospital da Colónia Portuguesa do Brasil*, cujas fotografias ali figuravam também em grande número, e que na opinião de vários abalisados especialistas, tanto nacionais como estrangeiros, que o têm visitado, pode considerar-se, sem sombra de favor, um dos melhores, no seu género, do mundo inteiro.

Situada na Quinta dos Vales que aquela benemérita Colónia ofereceu, com alguns edifícios posteriormente adaptados, está hoje entregue á Direcção Geral da Assistência Pública.

As suas actuais instalações, as mais completas que se conhecem, dispõem de duzentos e cincoenta leitos, sendo dêles dois terços destinados aos enfermos pobres, com oito esplendidas enfermarias dispostas em dois pavimentos, um pavilhão de quartos particulares e um outro de luxo, ocupando a importante área de seis mil e quatrocentos metros quadrados, cercados de lindíssimos e bem cuidados jardins, densos pinhais e milhares de eucaliptos, numa extensão que conta mais de cem mil metros quadrados de terreno de superfície.

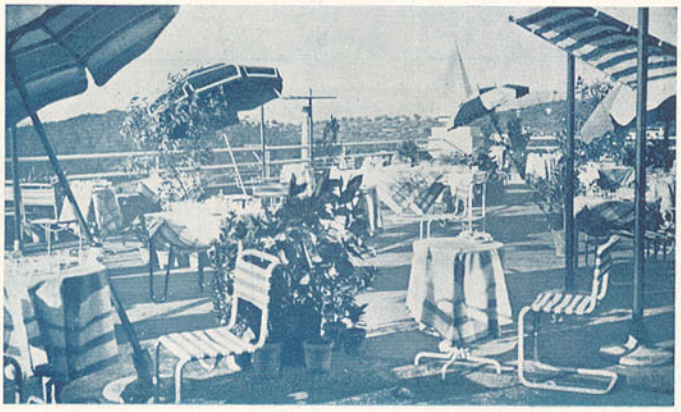
Para se avaliar dos serviços prestados por êste Sanatório basta enunciar que já por ali passaram novecentos e cincoenta doentes e que até final do mês de Junho passado se fizeram perto de cento e trinta e tres mil dias de tratamento.

Possue ainda salas de operações e esterilisações das mais completas na sua utensilagem, laboratório apto a tôdas as análises, gabinetes de oto-rino-laringologia, estomatologia e raios X, todos êles equipados com a mais completa e moderna aparelhagem.

Se o tratamento médico dos enfermos, tanto os que ocupam os pavilhões particulares, como os das enfermarias dos pobres é igualmente perfeito, os serviços da sua alimentação são também cuidados com o mesmo carinho.

Para sua comodidade e necessária distracção há terraços de verão, com os seus guardas-sol, como se vê na gravura que acompanha êste artigo, uma boa biblioteca, com alguns milhares de volumes, salas de estar e de leitura, de jogos de vasa, mesa de bilhar e ainda um vasto salão de cinema sonoro, fàcilmente adaptável a funções teatrais e concertos.

O Sanatório da Quinta dos Vales, como está instalado e tal qual funciona é uma instituïção que dignifica o País e não deve esquecer-se que se deve a sua modelar organização ao ilustre Professor, dr. Bissaia Barreto, que tão disveladamente se tem dedicado, com invulgar carinho a tôdas as obras de assistência de Coimbra.



Um terraço de verão do Sanatório

O novo estabelecimento da rua Augusta

Tudo para fotografia e cinematografia

Constitu u uma agradável surpreza no nosso meio a inauguração do novo estabelecimsnto de artigos de fotografia e cinematografia, situado na Rua Augusta, 205 e 207, tornejando para a da Assunção, 66 a 72, de linhas modernas e elegantes, já próprio de uma cidade cosmopolita.

Porque é esta casa, que gira sob a firma J. C. Alvarez, L.da, a mais recente entre nós, na sua especialidade, justifica-se que as suas instalações técnicas sejam as mais perfeitas e melhor apetrechadas de forma a satisfazerem em absoluto os trabalhos de maior responsabilidade. Os laboratórios destinados aos trabalhos de amadores dispõem de várias e importantes inovações de entre as quais avulta, pelas incontestáveis vantagens que proporciona, a descalcificação das águas empregadas nos banhos e lavagens, assegurando o perfeito tratamento e inexcedível duração de quaisquer clichés, filmes, cópias e ampliações.

Outra novidade introduzida por esta casa, e que vem revolucionar a arte fotográfica, consiste na película **Dufaycolor** que permite, tanto ao mais simples aparelho, como à mais complicada máquina cinematográfica, a reprodução fiel de tôdas as côres de qualquer paisagem ou objecto fotografados.

Possui ainda a exclusiva representação da **Barnet,** a afamada firma da florescente indústria inglesa, fabricante de chapas, papéis e peliculas que de tal forma se têem destacado no exigente mercado britânico que é ela a única fornecedora do Govêrno de Inglaterra em todos os serviços oficiais de cinematografia e fotografia.

A veracidade destas nossas asserções está bem à vista de todos. Para a constatarem basta que os interessados olhem para as montras onde encontrarão, a par de uma infinidade de aparelhos fotográficos, das melhores marcas e para todos os preços, as mais interessantes colecções de fotografias e ampliações, trabalhadas pelos novos processos e que, sem favor, constituem verdadeiras obras de arte.

DESABAFOS D'ALMA

CERTAS noites, quando o ruído da vida me martirisa as nervos excitados e a lembrança da humanidade egoista e má me tortura mais profundamente a alma, meto-me no meu escritoriozinho, fecho-me por dentro, fecho também as janelas, para ter a impressão de estar separada do mundo, e rodeio-me de livros e passeio com os autores pelos lugares maravilhosos da sua fantasia.

E, assim, penso que estou livre de tudo quanto é terreno, que vivo no espaço, pairando longe dêste lamaçal que é o mundo, onde os imbecis triunfam, assoprados pelas trombetas dos amigos, que da sua imbecilidade contam tirar lucros certos e bons, porque a estupidez é sempre mais fértil em proventos do que a inteligência.

Para prova, abra-se a História em todos os seus capítulos e veja-se quanto génio morreu de fome e quanto imbecil gozou a vida regaladamente.

É verdade que a glória se perfila ao lado do que morreu sem ter vivido.

Quero eu dizer, compreende-se, sem ter nunca tido uma hora de repouso e cujo trabalho mal lhe dava para o naco de pão de cada dia.

A glória, também, é um engodo com que nos acenam, para que suportemos com resignação as amarguras com que temos de pagá-la.

■

Quando eu era pequenina, gostava muito que me contassem histórias, e os contos de fadas eram o meu encanto.

A *Rapariguinha dos patos*, a *Princesa da pele de burro* e tantas outras fantasias, em que os animais falavam, deixavam-me deliciada.

E, muitas vezes, sonhei com aquele príncipe que quebrava o encanto de tôdas estas beldades.

O que mais me entusiasmava era o conto da *Bela adormecida*, que se picou num fuso e caiu em letargo, por praga duma fada má que não tinha sido convidada para o seu baptizado, e de tal modo se vingou dêsse esquècimento.

Vocês sabem... E ainda hoje leio dessas histórias que enchiam a minha cabecita de criança curiosa e inquieta, e agora, graças ao meu amor pelo estudo e à minha ânsia de saber, leio as nas suas versões originais, inglesa e alemã.

E ainda seguem encantando-me e comovendo-me tanto, como quando mas contavam, sem tanta minúcia e numa linguagem menos ataviada.

A a vida da *Bela adormecida* continua sendo a minha favorita.

Por alguma coisa gostava eu tanto desta história.

É que havia de viver na cena essa linda figura de mulher, e era talvez um pressentimento que me fazia querer-lhe assim.

Foi no São Luiz — então D. Amélia — ainda muito joven, que eu representei a *Princesa encantada*, tirada dêsse conto,

com música do maestro Charles Lecocq que, pormenor interessante, me havia anos depois de enviar a partitura da sua ópera-cómica *Noite e Dia*, que eu representei, em francês, na minha *tournée* pela Europa.

Surprêsas desta vida.

E que linda que eu estava, quando o pano subia e eu aparecia deitada num leito debruado de rosas e de lâmpadas eléctricas, dormindo, sonhando talvez com o príncipe formoso que havia de acordar-me do meu sono de cem anos, com um beijo.

Como o tempo corre!

Ainda me parece que foi ontem que eu cantava deslumbrada a minha canção de amor...

É o que nos vale — o poder de unir dois pontos afastados, pela imaginação, roubando assim do tempo que se intercalou entre êles.

O peor é quando voltamos do nosso ponto de partida àquele a que chegámos, e vemos tudo que nos foi deixando pelo caminho — mocidade, confiança, ilusões.

■

Agora mesmo, no momento em que vos falo, eu estou embrenhada nêsse país fantástico das minhas alegrias de criança, e detenho-me contemplando a gravura *Sheeping Beauty*, na luxuosa edição inglesa.

Era assim mesmo que eu própria estava vestida, tôda recamada de pedrarias, e até a princesa parece como eu era então.

Em minha volta tudo é rumor e alegria, apesar de tôdas as precauções e cautelas.

Na telefonia dum visinho, canta uma voz de mulher que desafina escandalosamente.

Embora prêsa às minhas recordações, o meu musical não deixa de notar o deslise da cantora, enquanto uma lágrima me corre pela face, uma lágrima de saüdade por êsse tempo que se foi, por todos os sonhos que abalaram de mim em revoada, pombas da minha alma que a ela não voltam mais.

■

Não admira que tanto me absorva, ainda agora, na recordação de tal peça, porque eu própria tenho sido essa *Bela adormecida*, guardada num castelo rodeada de muros altos, e espêsso arvoredo, por onde os raios do sol a custo passam — o sol da felicidade.

Como no parque da princesa, em meu redor a escuridão foi crescendo e os muros subindo mais e mais, e eu sempre à espera que o feitiço duma fada má se quebre.

De vez em quando, oiço ruídos de palmas, aclamações de glória, protestos de amor, mas tudo daí a pouco abafado pela ruindade dum mundo de invejas que ruge lá fora, e em vão tenho chamado o príncipe valente e destemido que consiga chegar até mim e despertar-me para a vida.

Sonho por vezes... Resta-me a consolação de poder sonhar, e disto não pode a malvadez que me rodeia privar-me, porque os meus sonhos fazem parte integrante de mim própria.

Só então é que se pode compreender a grande verdade que encerra aquela famosa definição — recordar é viver!

Adormeço, vivo, sonho e recordo, muito afastada desse mundo mau que tive a desventura de conhecer... Sonho...

E, agora, creio que só acordarei, para cair noutro sono — êsse definitivo, sem lindos sonhos enganosos, e do qual não há beijo de amor que nos desperte ..

MERCEDES BLASCO.

O ciclista italiano Bartali, vencedor da Volta a França, provando qualidades de excepcional trepador, foi por motivo do seu triunfo, condecorado pelo govêrno do seu país

APROVEITANDO os festejos da Grande Feira de Angola, deslocaram-se até Luanda, a convite da Comissão Organizadora alguns desportistas da metrópole para ali se exibirem em competição com os elementos locais.

A embaixada foi constituida pelo grupo de futebol da Associação Académica de Coimbra e por três jogadores de tennis, dois homens e uma senhora.

A iniciativa é, sob todos os pontos de vista, altamente louvável, e apenas é para lastimar que se lhe não tenha podido reservar a amplitude que de início era proposta. A primitiva ideia dos promotores da viagem era levar até Luanda uma selecção formada pelos melhores jogadores dos três grandes clubes lisboetas, o que equivalia pràticamente à visita duma equipa nacional; mas as dificuldades financeiras, conseqüencia das condições especiais do nosso futebol, montaram a tal soma de encargos que o propósito teve que ser posto de parte.

O intercâmbio desportivo entre a metrópole e os territórios imperiais tem sido, para nós, um problema acarinhado há longos anos, antes ainda de o havermos apresentado e estudado no primeiro Congresso de Clubes Desportivos, onde tivemos justamente a honra de representar o Sporting Clube de Luanda.

Vendo agora efectivada a primeira tentativa nêsse sentido, embora muito inferior em amplitude ao que era necessário que fôsse, alegra-nos o facto com uma parcela de vitória dum critério pessoal que encontramos apadrinhado. Oxalá tenha continuidade e conquista as simpatias oficiais indispensáveis para que o desporto português possa contar perante as suas responsabilidades internacionais com o reforço valioso dos inúmeros atletas ignorados na regiões africanas ou nos territórios asiáticos do Império.

Fez em 12 de Agosto, 53 anos que o capitão inglês Mateus Webb atravessou pela primeira vez o Canal da Mancha a nado, desde Dover a Calais. É curiosa a reprodução desta gravura dum jornal da época, representando a chegada do herói à costa francesa

A QUINZENA DESPORTIVA

Para isso, já em páginas da "Ilustração" o escrevemos, é preciso organizar missão especial, composta por praticantes de valor e por técnicos competentes, que mostrem e ensinem como deve ser orientada a especialisação desportiva nas modalidades de maior interêsse, como o atletismo e a natação. Os resultados seriam compensadores e o assunto não pode ser encarado como brincadeira sem importância, pois interessa fundamentalmente ao problema da raça, tal como os ingleses há longa data o resolveram nos seus vastos domínios.

Se o exercício físico é indispensável à boa higiene dos indivíduos vivendo na Europa, muito mais considerável valor assume ainda para os europeus habitantes doutros climas, cujo regime de vida não pode cair na inação ou no sedentarismo.

Ora o desporto é, sem dúvida, o mais eficaz agente de propaganda da actividade física e a mais agradável das suas interpretações práticas.

■

A abrir o apetite do público para as emoções da Volta a Portugal em bicicleta, actualmente em curso, organizaram-se duas importantes competições ciclistas de características estruturalmente diversas mas cujos resultados fôram ocasionalmente idênticos: a primeira, em pista, foi a "Corrida das 24 Horas", a segunda, em estrada ligou o Pôrto a Lisboa numa estirada de quási quatrocentos quilómetros.

Se registamos com agrado o êxito desportivo de qualquer das competições, também a par se assinala com tristeza o fraco interêsse do público que não correspondeu com a sua presença aos esforços financeiros dos promotores, deixando-os em condições de pouco desejo de repetir a iniciativa.

No entanto, as lutas ciclistas revestem-se de incontestável beleza e deviam possuir todos os requisitos para atraír a multidão, que entre os praticantes consagrou alguns dos seus ídolos preferidos; a ausência de espectadores justifica-se por qualquer outra razão, provavelmente a falta de hábito das corridas em pista, cuja organização é raridade paras os lisboetas.

Quando se trate da chegada de corridas em estrada, o motivo é diverso e averiguado:

O público prefere deslocar-se ao caminho e ver passar os corredores em pleno esfôrço, fruíndo assim por menos dinheiro espectáculo que mais o incita a exteriorizar o seu entusiasmo e aproveitando a tarde dominical para passeio agradável e salutar.

Tôdas estas circunstâncias denotam a necessidade duma educação a fazer, que acarretará alguns sacrifícios mais tarde compensados se houver persistência e, sobretudo, continuidade de acção.

A prova das "24 horas" disputada à americana por equipas de três homens revezando-se livremente, terminou com a vitória nítida do terceto sportinguista, Alfredo Trindade, Felipe de Melo e Ildefonso Rodrigues; por curiosa coincidência, que não pode ser produto do acaso, êstes mesmos ciclistas, acompanhados pelo camarada de equipa Ladislau Parreira, fôram os primeiros a entrar no Estádio, destacados dos restantes, para concluir a caminhada onze horas antes iniciada na capital do norte.

A superioridade dos "leões" não constituiu surpreza para aqueles que conhecem o valor relativo dos nossos melhores corredores; a equipa não têm hoje rival que a apoquente salvaguardando, é claro, os imprevisiveis acidentes da estrada ou a forma inspirada de qualquer adversário em determinada ocasião.

Foi, assim, em rasgo de vontade, que o belenense Joaquim Manique conquistou o campeonato nacional, nunca mais voltando a confirmar êsse triunfo ocasional.

■

O italiano Gino Bartali, que em 1937 fôra forçado a desistir da prova cujo primeiro lugar da classificação ocupava, em virtude de queda numa ravina, ganhou êste ano com assentuada vantagem a Volta a França em bicicleta.

Cêrca de vinte minutos o separavam no final do belga Vervaecke e mais de meia hora do francês Cosson, que ocuparam os postos imediatos ao seu, e êstes avanços consideraveis deve-os êle sobretudo às regalias concedidas pelo regulamento às suas faculdades excepcionais de trepador.

Ildefonso Rodrigues, Alfredo Trindade e Felipe de Melo, o invencível trio ciclista do Sporting, que após a vitória nas «24 horas de Lisboa», conquistou os primeiros lugares na corrida Porto-Lisboa e no Circuito de Vila do Conde

Com as disposições regulamentares actuais da importante prova de "L'Auto", a corrida é claramente destinada aos homens que se destaquem na escalada das montanhas, visto que em doze picos diversos que o percurso comporta, se concede um prémio de 1 minuto a descontar no tempo total, ao homem que primeiro atinja o alto da súbida. Os bonus assim conquistados, juntamente com aqueles que Bartali alcançou ainda pela vitória em duas caminhadas do itinerário, valeram-lhe nada menos de 14 minutos e 37 segundos de abatimento no tempo de prova.

O favor desta disposição regulamentar era tão evidente, que o campeão italiano, senhor da sua superioridade, regulou diàriamente o seu esfôrço, de forma a manter-se a par dos mais perigosos rivais, esperando a proximidade dos cimos montanhosos para se destacar o suficiente para ganhar a bonificação atribuida e jogando na jornada mais acidentada do percurso a única cartada mestra que o assegurou contra qualquer precalço.

A Volta a França em bicicleta, cujo valor desportivo é incontestável e que ocupa seguramente dos primeiros lugares os acontecimentos de interêsse mundial, possui também uma feição comercial que por vezes transparece com clareza nas intenções dos organizadores.

Os corredores franceses queixam-se por vezes, e devem ter razão, da disparidade de rigor na forma como são vigiados e na tolerância admitida para certos concorrentes estrangeiros; compreende-se que assim seja, porque a Volta a França, engrandece-se sobretudo pelo seu internacionalismo e não pode manter-se sem a presença de equipas dos principais países onde o ciclismo é cultivado em grande escala.

A vitória dum corredor italiano era necessária êste ano, e por tal motivo se preparou a prova de forma a beneficiar tanto quanto possível, as faculdades dominantes de Bartali, aliás um campeão de enorme classe.

Em conjunto, foram os belgas os melhores, com seis homens nos doze primeiros da classificação; a equipa francesa, àparte a proeza meramente individual do pequeno Cosson, que há três anos correu em Portugal quando ainda era amador, foi implacàvelmente destroçada e causou aos seus partidários as mais amargas desilusões.

"Gino Bartali — disse Henri Desgrange, comentando a sua vitória — ganhou "a Volta à França" porque herdou a qualidade física necessária para um tal triunfo, e porque quis, como homem, ganhar".

"Se Bartali ganhou a "Volta" nas montanhas soube não a perder nas planícies.

Apoiado de maneira inconsistente, opôs a essa força enorme que era o bloco belga uma defensiva que, no género, teve bem o aspecto de uma vitória". Assim procedeu o vencedor.

SALAZAR CARREIRA.

O «water-polo» é um excelente e emotivo jôgo próprio da época estival que conheceu em tempos passados grande popularidade entre nós; hoje ninguém fala em semelhante coisa. Não haverá processo de vencer o desinteresse das agremiações praticantes da natação desportiva?

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 20

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 11

(7.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (25 pontos)

Ramon Lácrimas, Barão Y, Agásio, Siulno e Rosa Negra.

OUTROS DECIFRADORES

Sol de Inverno, Matina, M. A. P. M. e Ti-Beado — 22. Mirna, Visconde X e Larabastro — 16. Tarata, Dama Negra e Pimpas — 13. Semoga — 12.

DECIFRAÇÕES

1 — Cithara. 2 — Dobrado. 3 — Libente. 4 — Outono. 5 — Casa. 6 — Dívido. 7 — Pia, o, ão. 8 — Criador. 9 — Mira-ôlho. 10 — Pegamaço. 11 — Novela. 12 — Tararamela. 13 — Jájá. 14 — Macaco. 15 — Ca(ce)tc. 16 — Chi(li)que. 17 — Ma(lo)ca. 18 — Tran(cu)cho. 19 — Pe(ri)co. 20 — A(cor)dão. 21 — Nortear. 22 — Motejo. 23 — Sagrado. 24 — Alado. 25 — Falai no mau e aparelhai o pau.

ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA T. E.

Com a presença de 29 charadistas realizou-se no passado dia 7, na Trafaria, o almôço de comemoração do 16.º aniversário da fundação da T. E., que decorreu num ambiente de alegria e leal confraternização. Aludindo ao significado da festa falaram diversos oradores e efectuaram-se numerosos brindes pelos confrades ausentes. Em homenagem àqueles que a morte arrebatou fez-se um minuto de silêncio.

CORRIGENDA

Desporto n.º 15 — A produção n.º 5 é um *enigma*.

Desporto n.º 18 — A produção n.º 1 é um *logogrifo*; as n.ºs 2 e 3, *charadas antigas*.

Embora todos os confrades tenham logo depreendido os referidos lapsos, e outros que por vezes passam involuntàriamente, resolvemos no entanto efectuar aqui as devidas rectificações.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) Afirmaste-me, a chorar,
Que nem mesmo com *a morte* — 2
Possível era acabar
No teu peito amor tão forte!

Juras de amor — quem as crê?
— Poucos meses decorridos,
Sem ninguém saber porquê,
São juramentos banidos...

Contigo assim sucedeu,
* *Com* * coração tão amante... — 1
Em pouco tempo morreu
O teu amor tão constante!

Para quem sentiu na vida
Quanto vale o amor primeiro,
Tôda a esperança é perdida
Ao sabê-lo *traiçoeiro*...

Juras de amor — fantasias,
Lindas bolas de sabão.
Que, se alentam nossos dias,
Fazem mal ao coração...

Lisboa — *Infante*

LOGOGRIFO

(Aos pavões...)

2) O pavão!
Conheci-o ..
Não era igual ao melro lusidio...
Era outra loiça, um *mimo*, — 6-4-8-3-10
Um pássaro bisnau,
Elegante, pimpão — e que marau! —
Sabia muito bem que tinha arrimo
Nas penas do seu leque espaventoso.
E, inchado, lá no cimo
Da montanha pomposa da Vaidade,
O pavão majestoso,
Dizia e com vontade:
— Olhando a *multidão* — 3-7-5-9-7
«Ai! Que mesquinha é tôda a humanidade!

Eu sou o mestre, o sábio ilustre, ingente,
Que ofusca o mundo inteiro.
¿E o mundo dos pavões a quem *pertence*?» —
[9-4-2-3-7.
— Exclamava o matreiro.
E só dizendo asneiras, sempre a rodos,
O grande descarado,
Apontava defeitos — vêde! — a todos...
Mas certo dia, um pardalão safado,
Mostrando ter miolo,
Virou se p'r'ó pavão e disse assim:
«Amigo, quer's saber o que és emfim ..
Pois vou dizer-to: um *tolo*!» — 9-10-8-9-10.
O pavão amuou ..
E o tal continuou:

«¿Ouviste alguma vez cantar o rouxinol
As canções pastoris, nas tardes estivais?
No entanto é um pardal, humilde como os mais,
Sem pretensão alguma a especial escol.

A humildade e o valor estão no mesmo rol
E enquanto os imbecis se julgam geniais,
Ostentando a valia, em pompas irreais,
A treva faz-se luz e brilha mais o sol.

A luz é a Verdade e o sol é a Razão,
E por mais torva e hostil que seja a Escuridão,
A luz há-de brilhar nos céus eternamente.

O Mundo é mesmo assim, perscruta as consciên-
[cias,
E aquele que viver apenas de aparências
Não passará, jamais, dum tôlo *impertinente*».

Lisboa — *Rocambole*

17 ENIGMA PITORESCO

Lisboa — *Matina*

ENIGMAS

3) Seis letras tem o todo
Nada vale a primeira
Irmã da derradeira.
A segunda com tércia
Valem apenas seis,
Porém quarta com quinta
Quinhentos e um perfazem
E ninguém me desminta.
Pois êsse nome de «*homem*»,
Que aqui apresentamos,
Foi dum vate brilhante,
Amigo de Virgílio
E dêsse grande Horácio,
De ambos concomitante.

Luanda — *Ti-Beado*

4) Tu sofres, mulher, escusas de mentir,
De esconder em ti a dor que te apavora;
O teu íntimo é sòmente angústia, embora
Esse rosto lindo me queira iludir.

Mas fugindo a mágua que te faz carpir,
E, como disse, no teu peito mora
Ficarias feia, mulher, sem demora
Perdendo a virtude e a graça o teu sorrir.

Sem essa divina e nobre compaixão,
Que faz residência no teu coração,
Não serias mais que uma fera no mato!

Porém teu destino permanece firme
Enquanto eu pressinto a ventura a seguir-me
Num beijo, *mulher*, que te dou com recato.

Lisboa — *Barão Y*

5) Se após a descompostura
Outra juntares, maior,
Irás sofrer a tortura
Dum *rés vés* inda pior

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

6) Se no meio da preguiça
Cai um «homem» sem acção
Entra-lhe a fome no lar,
Por não ter *resolução*.

Lisboa — *Siulno (T. E.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

7) Na *festa de S. Domingos, em Cascais, onde* se estava melhor era no *adro da igreja*... 2-1.

Lisboa — *Visconde da Relva*

8) Não *concordo! que* seja *homem indolente*. 1-1.

Lisboa — *Agásio*

9) *O mundo* estava no *giro* quando se deu o *abalo de terra*. 2-2.

Lisboa — *José de Azevedo e Silva*

10) Não sejas rico nem *formoso*, mas sê *um* homem *honroso*. 3-1.

Albergaria-a-Velha, Biscaia — *Olegna*

SINCOPADAS

11) Em geral é *infeliz* o *homem feio*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

12) A *mulher descarodvel* foi encontrada no *arvoredo*. 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

13) Ás vezes o *muito dinheiro* faz o homem *desordeiro*. 3-2.

Lisboa — *Ricardo (T. E.)*

14) Deram-me uma *violeta* na *cidade*. 3-2.

Vila de Rei — *Dóris I*

15) Parece *nocivo* à primeira *vista*. 3-2.

Lisboa — *Infante*

MEFISTOFÉLICA

16) Só um *indivíduo de olhar penetrante* consegue verificar as *féculas* da *ramagem miuda, que se tira das árvores*. (2-2) 3.

Lisboa — *Siulno*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A INFLUÊNCIA DA CONVERSA NA SOCIEDADE

Aconver a essa distração que tão apreciada foi nos tempos em que os desportos físicos, ainda não tinham suplantado os prazeres espirituais, tem uma influência decisiva na orientação da sociedade, e, segundo o que ela é, fica marcada uma época e pode também ajuizar-se qual é o carácter e a intelectulidade das pessoas que compõem e formam um grupo dessa mesma sociedade.

A conversa só pode ser um verdadeiro prazer espiritual, quando se dá entre pessoas duma cultura igual ou pelo menos aproximada, duma inteligência elevada e dum gosto artístico ou científico, que coloque a conversa num terreno que satisfaça o espírito e faça decorrer as horas, deixando dessa troca de pensamentos, dessa exposição de ideias, qualquer coisa de útil e de superior que sem pretensões a conferência, nem aspectos de ridícula superioridade, deixe no nosso espírito qualquer semente, que germinando e frutificando nos dê mais tarde uma ou mais ideias, ou ainda nos faça sentir e melhor compreender a vida.

A discussão de ideias e factos elevados, deixam sempre no espírito compreensivo uma nova luz, mas quando digo discussão refiro-me à exposição de sentimentos e maneira de pensar de várias pessoas, que se encontrem reunidas, e, não no atroar de gritar em azedas palavras, que muitas pessoas supõem ser a conversação e que em vez de ter qualquer utilidade para o espírito, só pode ter uma péssima influencia, porque hostilisando ideias, fere susceptibilidades.

Não se pode de maneira nenhuma chamar conversa a êsse bisbilhotar de vidas alheias, a êsse desfiar de defeitos ou más qualidades daqueles que conhecem e, êsses falatórios sem nexo onde se esfarrapam reputações, e se esmiuçam pequenas misérias humanas, seja feito em salões ou em pátios, tem sempre o aspécto de soalheiro e não honra nem dignifica aqueles que perdem o seu tempo falando sem a mais pequena utilidade, antes com prejuizo daqueles de quem se dizem muitas vezes amigos.

A vida moderna agitada e sacudida das grandes cidades, não deixa muito tempo, para essas conversas em que se agitam ideas e se discutem factos de interesse vital para um país ou ainda para a humanidade inteira.

Entre muitos negócios, uma corrida em automóvel, um «cocktail portic», um chá e um jantar não há ocasião de conversar, nem mesmo sequer de pensar.

A própria conversa familiar em que se trocam ideas numa comunhão de interêsses e afeições se vai perdendo com os cérebros fatigados e que aproveitam ainda estes poucos momentos de repouso caseiro para abrir o aparelho da T. S. F. e ouvir as noticias de todo o mundo e a música de toda a gente.

É triste que a conversa tenha assim deminuido, porque chegaremos certamente a um ponto em que se terá apenas as ideas impostas mundialmente pela rádio e não aquelas que nascem do choque com outras inteligências.

O jogo mantendo aqueles que se encontram em sociedade num silêncio absoluto, contribue e muito para a falta de interesse pela conversa que faz com que se não faça já em sociedade um esforço por tornar interessante a conversa, tornando-a uma esgrima em que as frases de espírito se chocam como os ferros dos floretes, numa sala de armas, fazendo saltar centelhas de graça e esfusiante inteligência.

Tudo se faz actualmente com pressa e não ha tempo a perder fazendo esforços que não rendem senão momentos de espiritual satisfação numa época em que tudo está sujeito a vantagens materiais sendo soberano da sociedade moderna; o dinheiro.

Qual é a dona de casa que aspira hoje a ter um salão literário onde converse e se agitem questões de superior espírito? Nenhuma, porque seria considerada «bota de elástico», suprema injúria da gente moça e que mulher alguma tem a coragem de encarar frente a frente, com receio de que a julguem velha, êsse pueril terror de quási todas as mulheres.

No entanto que influência interessante tiveram êsses salões literários de que os séculos XVIII e XIX nos deixaram os écos tão duradoiros, na sociedade do seu tempo, na política e na formação das superiores inteligências que neles brilharam e que ainda hoje deixam o perfume do passado inundar-nos, quando lemos o que foram esses salões, como quando se abre uma gaveta de velha comoda de pau santo, e, se evola o perfume de violetas dum passado para nós distante, mas que foi para outros, muitas vezes, um brilhante presente.

Nesses salões a que presidia sempre um espírito feminino, porque sempre num salão tem de presidir uma senhora, chocavam-se as altas inteligências dos seus frequentadores, que para agradar á deusa do salão, envidavam todos os seus esforços para brilhar e empolgar a sociedade empunhando o cetro da elegância na forma de se exprimir.

A senhora que presidia não necessitava muitas vezes de falar, bastava saber ouvir o que numa senhora é talvez ainda mais difícil.

Foi célebre em saber ouvir Madame Récamier essa senhora que alguns dos seus contemporâneos declararam pouco inteligente o que não devia ser a expressão exacta da verdade, porque para saber ouvir é necessário possuir a inteligência bastante, que exige o preferir fazer brilhar as outras, a brilhar a própria pessoa.

O seu doce sorriso que iluminava um dos mais lindos rostos que têm existido, era um incitamento a fazer brilhar o talento das frequentadoras do seu celebre salão.

Saber ouvir, faz também parte da conversa, porque se falam tôdas ao mesmo tempo deixa de ser conversa e passa a ser uma confusão em que ninguem se entende.

Nós as portuguesas impulsivas e efervescentes de ideas, temos ao conversar êsse defeito de querer expor tôdas ao mesmo tempo as nossas ideas, sem fazer atenção ao que as outras dizem, de aí o tom desordenado em que decorre entre nós a conversação.

Isto prejudica sempre a unidade de conversa e torna-a muito menos interessante, mas é sempre difícil fazer calar e ouvir atentamente aqueles que têm qualquer coisa a dizer. Os nordicos menos impetuosos e talvez menos dados ao fervilhar das ideias, têm uma capacidade de atenção muito maior que permite ao brilhante conversador exibir a sua difícil arte num atento auditório.

Da conversa entre pessoas inteligentes pode nascer muito bem, e, graves negócios de alta diplomacia se têm resolvido pela conversa inteligente de diplomatas hábeis conversadores, que num salão em amena conversa, conseguem destrinçar complicados assuntos que as burocráticas chancelarias tinham emaranhado em difícil complicação, que parecia impossível decifrar.

Seria uma ideia explêndida que uma das muitas senhoras inteligentes, que recebem em Lisboa, organizasse um salão literário, onde se conversasse e onde as inumeras inteligencias que entre nós existem brilhassem sem ser nas locubrações difíceis do «bridge» e onde a voz humana não fôsse abafada pela estridencia dos «Jazz-bands», que as telefonias sem fios emitem.

Maria de Eça.

A mulher tem de possuir valor pessoal, seja qual fôr a sua situação na sociedade actual, para conquistar o seu lugar e ser alguém.

Quando digo valor pessoal, refiro-me àquelas qualidades de inteligência e bondade que devem adornar tôda a senhora que se distingue sem para isso exigir, que para ser notada essa senhora se deva distinguir nas letras, na arte, ou mesmo ocupar qualquer lugar público.

Há senhoras duma altíssima inteligência, duma grande cultura, dum coração cheio de bondade, possuindo qualidades de alma do maior valor e que não saem do ambiente carinhoso do seu lar, mas que apesar disso marcam na vida um lugar de destaque e de distinção, tal a maneira como sabem impôr a sua personalidade, não pela fôrça, mas sim pela doçura, vincando de tal maneira a sua acção na família, que tornam por assim dizer da maior utilidade a sua passagem nêste mundo.

E nada se deve ambicionar mais do que isto, tornar-nos úteis, nesta passagem maior ou menor nesta vida, úteis a alguém pelo menos, embora seja apagada e modesta essa utilidade, contanto que seja real e sincera.

Estes pensamentos vieram-me ao ler a notícia da morte da rainha Maria da Roménia.

Essa rainha que foi uma das mais lindas mulheres do seu tempo, duma deslumbrante beleza, de correcção de feições, de elegância de figura, e, de graça no espírito. Porque se era linda a soberana da Roménia, era também muito inteligente e duma alta cultura.

E sina dêsse país, ter por rainhas senhoras dum alto espírito e duma grande cultura e nunca poderemos esquecer a sua rainha de sonho, a intelectual rainha Izabel; Carmen Sylva, no pseudónimo literário, com que encobriu o seu nome e deu àqueles que se interessam pela literatura, tão interessantes trechos, sendo célebres os pensamentos em que se revela muitas vezes a sensibilidade duma grande alma, que a vida dura, fêre e magôa.

Maria da Roménia, como a sua antecessora escreveu e fê lo com talento, duma outra época a sua forte personalidade, adaptou-se à vida que não lhe poupou desgostos, que fôram suportados com energia e coragem.

Mas onde a sua personalidade mais fortemente se vincou, e marcou o seu lugar, que ficará em destaque para sempre, foi quando da Grande Guerra.

O seu país sofreu imensamente durante o tempo que ela durou. E essa linda senhora não hesitou em substituir as maravilhosas e riquíssimas joias, que os sovietes lhe tinham roubado, pelo véu azul de enfermeira, e as suas delicadas mãos de rainha, souberam pensar com cuidados maternais as feridas dos seus soldados, por onde sangrava a sua Pátria de adopção, que ela amava tão intensamente como a sua própria, aquela onde viu o dia e onde reuniram os seus alegres risos de criança.

A sua energia e abnegação serviram de exemplo e de incitamento à mulher roména, que compreendendo com grande inteligencia, a atitude da sua rainha a seguiu firmemente, promovendo o levantamento da mulher no seu país, mulher que se tem sabido elevar e conquistar o seu lugar, desenvolvendo uma actividade que a honra, mas não deixando nunca de ser bem mulher nos seus sentimentos e na afectividade da sua alma.

A rainha Maria que viu murchar a sua radiosa beleza, mais pelos desgostos, que a feriram e a seus filhos do que propriamente pelos anos, pode ter tido defeitos. Quem não os tem? Mas o que pode ter pensado nos seus últimos momentos, é que foi util a alguém e êsse alguém, é o povo romeno.

Se fica vincado o lugar, de quém é útil a alguém, como não ficará o daqueles, que são úteis a uma colectidade, a um povo.

E bem marcada fica a sua figura, com a dôr que todo um povo sentiu à sua morte, sentindo que desaparecia Alguém, que se tinha dedicado ao seu levantamento e que tinha sabido desenvolver e aproveitar com a maior utilidade para o seu país a inteligência e a habilidade da mulher romena, desenvolvendo o seu gosto artístico, dando fôrça às qualidades de trabalho e dando-lhe o exemplo duma fecunda maternidade.

MARIA DE EÇA.

A MODA

DEFINIDA e marcada, em plena estação a moda segue triunfal a sua carreira apresentando-nos modelos que não diferem muito daqueles que no princípio da estação nos ofereceram as novidades, e, bem natural é que assim seja pois que até às primeiras modas do outono não haverá grandes novidades. Os chapeus como sempre são os primeiros a tornar-se notados pelo aparecimento dos feltros.

Algumas senhoras pensam que comprando agora os feltros, já ficam servidas de chapeu para o inverno. É um êrro, os feltros de agora em geral grandes «capachines» ou «canotiers» não terão nada a ver com a moda de inverno, que não se pode saber qual virá a ser, visto que ainda se não esboçou a do outono, como não é para admirar. Já em outras épocas se tem notado a mal compreendida tendência da moda para os chapeus quentes na época do verão. Não é cómoda nem simpática esta tendência, mas··· é assim.

Damos hoje um dêsses modelos tão dispatados agora, é em feltro branco, um «canotier» de tamanho regular, debruado por uma grossa seda fundo preto com bolas brancas, é guarnecido por um laço da mesma seda no alto da copa e tem duas pontas que escondem na aba e caem atraz sôbre o cabelo numa graciosa laçada.

É original e engraçado êste chapeu.

Para a tarde temos um vestido em largo xadrez côr de «fuchsia» e verde, como o tecido é de si bastante vistoso, não tem guarnição alguma, a saia é feita com o tecido a direito e o corpo

num enviesado que contribui para o fazer cair graciosamente. A gola é do mesmo tecido e fecha com uma fantasia. O cinto é em veludo preto. Chapeu em feltro verde guarnecido com tiras da mesma seda e um ligeiro véu. Carteira e luvas pretas, as luvas em «suéde».

Um outro modêlo também bonito para um chá em Casino, é em seda «imprimée» de côres alegres e garridas e de desenho miúdo como o exige a moda êste ano.

O vestido tem um original «empiécement» encordoado de onde saem umas pregas plissadas que formam a frente do vestido até à borda da saia.

Uma fita estreita em veludo preto forma o cinto fechando com um gracioso lacinho, outro lacinho no pescoço fecha a gola. Um pequeno

casaco amplo e gracioso completa a «toilette» tendo como guarnição o mesmo encordoado do «empiécement» do vestido, assim como nos punhos tem a mesma guarnição. Chapeu «breton» em palha branca guarnecido a fitas de veludo preto. Apresentamos também uma nova moda em calçado, bastante graciosa e prática, tem o cunho dum grande «chic».

São os sapatos em grosso linho iguais ao tecido do «tailleur» em linho, que formam um conjunto de grande simplicidade e «chic», que é muito para aproveitar. São sapatos cómodos e frescos.

Nesta altura de vida ao ar livre em praias e campo onde quási se não põe chapeu é preciso não abandonar a elegância do penteado, que tem de ser cuidada. Damos um modêlo de permanente última moda, e, que tem a incomparável vantagem de segurando os cabelos curtos se manter impecável.

Para a noite, para as «soirées» de gala que se realizam em todos os Casinos, dois lindos modêlos. Um em «lamè» de prata dum corte simples e elegante que é realçado por um lindíssimo colar em brilhantes e esmeraldas.

O outro um vestido em «paillete» preto duma grande linha.

Nada tem a guarnecê lo nem precisa, porque o tecido tem uma grande riqueza e está guarnecido pelo seu belo aspecto.

Penteado moderno e duma encantadora simplicidade.

O LEQUE

QUANDO o calor aperta e nos esmaga com a sua envolvente calma, que desfaz energias, reaparece o leque. Conhecido de antigas eras nascido no Oriente onde as temperaturas extremas de calor o tornam indispensavel, o leque é uma das armas da mulher; que dele se sabe servir com esse instinto de coquetismo, que em geral possui.

Mas nem todas as mulheres sabem usar com graça o leque e é para notar que na Europa é só nos países meridionais que a mulher manceja com graciosidade o leque. Em Italia a mulher usa o leque com distinção e finura e pode dizer-se que foram as italianas do séquito de Catarina de Médicis que introduziram em França essa arma que teve tão grande prestígio no tempo de Francisco I e Henrique II na mão da francesa da côrte, perfida e frívola. Nos tempos de Luiz XIV e Luiz XV nesse século dezoito em que a mulher triunfou pela intriga amorosa e pela leviandade teve o leque um importantíssimo papel no desenvolver de graças e foi um complemento da beleza e da elegancia das mulheres que serviram de modelo a Nattier e faziam palpitar nas suas mãos nervosas essa bor-

boleta de renda e pinturas preciosas, segura em varetas de madreperola ou prata artisticamente trabalhadas.

Mas onde o leque vive e palpita, sente e estonteia, é quando se agita na pequenina mão morena da espanhola. Uma sevilhana com um leque na mão é estonteante. As varetas vivem e o pano do leque tem cintilações de malicia, que muito perturbam o chamado sexo forte, que tão fraco é perante a graça exuberante da mulher.

A portuguesa maneja também com graça o leque, mas uma graça mais distinta, ligeiramente languida, que condiz mais com o feitio um pouco retraído das mulheres do nosso país.

A verdade é, que em nossos dias o leque já não é adorno indispensável em bailes e festas, e apenas nos dias de calor asfixiante faz a sua aparição como lenitivo á temperatura escaldante.

CHÁ E REFRESCOS

NESTA época do ano e em vilegiatura o chá muito quente não tem muitos adeptos, ha quem apesar de tudo o prefira, mas a dona de casa que sabe tornar agradável a sua casa nesta época do ano substitui, os bolos e o chá, por frutas e refrescos acompanhados de bolachas.

Uma refeição servida ao ar livre num lindo jardim, com uma toalha rústica, frutas deliciosas em bonitos pratos de loiça regional, e refrescos torna-se encantadora nesta época do ano. Os refrescos são facilimos de fazer, com água fresca ou gelada e quando possa ser duma fresca fonte melhor ainda, junta-se-lhe um xarope de morangos, de salsa e até mesmo o clássico capilé faz um delicioso refresco, que por estas tardes quentes sabe muito melhor do que o chá, que reservaremos para as tardes chuvosas e frias do inverno numa sala bem aquecida, onde se enala o perfume da doirada bebida. Nesta epoca aproveitemos os deliciosos frutos e os refrescos que êles nos dão.

RECEITAS DE COZINHA

Presunto á Borgonhesa: — Escolher um bom presunto bem corado e cortar-lhe um bom pedaço sem osso e pô-lo de môlho umas horas, até descorar. Lavá-lo bem e em seguida pô-lo a cozer juntamente com uma mão de vaca e duas de vitela, todos os cheiros num raminho e cinco a seis cebolinhas pequenas e duas garrafas de vinho branco. Quando o presunto está bem cozido retirá-lo e com um garfo apertá-lo esmagando o gordo e o magro e depois apertá-lo numa saladeira.

Clarificar o môlho da cozêdura rectificando o tempêro para obter uma bela geleia e quando começa a prender tirar as mãozinhas de vitela cortá-las em pedacinhos rodear o presunto e no môlho deitar bastante salsa picada numa colher de café de bom vinagre e um copo de vinho fino, deitar depois sôbre o presunto e deixar arrefecer.

E' um prato finissimo e muito apreciado pelos conhecedores da bôa cozinha francesa.

HIGIENE E BELEZA

OS olhos são uma das maiores belezas da mulher e são como dizem o espelho da alma; a mulher portuguesa é possuidora de lindos olhos, olhos negros sentimentais e doces.

Mas a mania de seguir a moda rapando sobrancelhas e pintando pestanas, tem estragado muitos olhos bonitos, dando lhes um olhar duro ou desvairado que estraga por completo a sua beleza.

Quem quizer conservar a beleza do seu olhar

e o encanto dos seus olhos, não deve proceder dessa forma. Quando muito alinhar as sobrancelhas quando disso necessitem. Banhar todas as manhãs os olhos com água fervida morna e água de rosas. À noite pôr vaselina nas sobrancelhas e nas pestanas. Mas não deixar de dia as palpebras brilhantes, pois envelhece e muito, o mais joven rosto.

A beleza deve ser auxiliada com um pequeno retoque mas não desfigurada por excessiva «maquillage» como agora tanto se vê.

A SAIA CURTA

VOLTOU a moda da sáia exageradamente curta e a humanidade que a tudo se habitua, bom e mau, não protesta como quando da sua aparição aqui há anos. Nessa altura, menos acostumadas à nudez feminina, muitas e muitas, elevaram a voz contra esta tôla moda. Sem resultado algum, como acontece sempre perante a tirania da moda, e, a teimosia das mulheres em se escravizar os seus ditames.

Lembro-me ainda que em Almendralejo, pequena cidade espanhola, houve astuto alcaide que resolveu pôr um imposto sôbre o cumprimento das sáias. Quem usasse a sáia acima do tornozelo, pagava um imposto mensal. Aqui fica a ideia se alguém a quizer utilizar.

Mas não creio; porque até o alcaide de Almendralejo já se deve ter habituado ao «maillot» e não repara certamente nas sáias curtas.

E se as senhoras compreenderem como lhes fica mal a sáia muito curta e como a sua silhueta perde a harmonia, não seria preciso impostos, nem agentes de fita métrica na mão, a medir a altura das sáias. O bom senso seria o melhor imposto.

DE MULHER PARA MULHER

Alda: — Deve considerar-se muito feliz por poder abrigar-se nesse encantador sitio, ouvindo as águas cantantes, nesta época de calor. A distração organize-a em sua casa com muito bom humor e sem mostrar enfado pela solidão. Torne feliz essa estada aí a seu marido e filhos que têm o bom gosto de a apreciar. Convide esses amigos da próxima cidade e joguem o tennis, uns pequenos lanches, uns passeios a êsses lindos arredores e verá como o o tempo passa depressa e se sentirá feliz. Leia bons livros e tirará o melhor resultado do seu verão.

Clarise: — Fresca como a primavera leve a êsse casamento um vestido em étamine Rabbia, branco ou côr de rosa com uma «capeline» grande emfeitada a flores e será a personificação da juventude.

Preocupada: — Quanto mais acentuar o seu desagrado mais teimarão êles em a contrariar, faça de conta que não percebe e que lhe é indiferente e verá como muda a sua atitude. De resto se a sua resolução é firme verá que tudo se simplificará o que muito lhe desejo.

Maggy: — Nada me incomoda, e, é com o maior prazer que lhe respondo. A viagem por mar é muito mais cómoda e mais segura. Há na Sorbonne cursos de férias onde pode perfeitamente inscrever-se.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. V. 10
Copas — V. 7
Ouros — A. 9, 8
Paus — — — —

Espadas — 8, 7 Copas — 5, 4, 3 Ouros — 7, 4, 3 Paus — — — —	**N** **E** **O** **S**	Espadas — R. D. Copas — R. 9 Ouros — R. D. Paus — R. D.

Espadas — 9, 6
Copas — A. 10, 8
Ouros — 6
Paus — 9, 8

Trunfo copas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 4 *o.*, **O** — 5 *c.*, **N** — D. *c.*

E não pode baldar-se a ouros porque abonava 3 vasas em ouros que, juntas à D. *c.*, R. *p.* e V. *c.*, davam as 6 vasas. Tem portanto, que baldar-se a espadas ou paus.

N joga R. *p.*, **E** — 7 *p.*, ou espadas, **S** — 3 *c.*, **O** — 9 *p.*

N joga 3 *o.*, **E** — 5 *o.*, **S** — A *o.*, **O** — V. *o.*

S joga V. *c.*, **O** — 7 *c.*, **N** — 8 *c.*, **E** — espadas ou ouros, é indiferente.

S joga 9 *o.*, **O** só pode baldar-se a 9 *c.*

N joga 10 *o.*, se **E** se tiver baldado a ouros, ou joga 4 *o.*, se **E** se tiver baldado a espadas.

Nêste caso **S** joga 6 *c.* e **N** faz o 10 *o.*

Origem da palavra «greve»

A origem desta palavra, tomada no sentido de «cessação voluntária do trabalho» é de essência exclusivamente parisiense. Com efeito, a actual praça do *Hoiel-de-Ville*, chamou-se, até 1806, a praça de *Grève*. Era aí que tinham o costume de se reünir os operários sem trabalho e ali existia, permanentemente, uma espécie de feira de contratos. Estar «na praça de Greve» ou estar «em greve» significava, pois, não ter trabalho, estar desempregado; por extensão, «fazer greve» tornou se sinónimo de «criar voluntàriamente essa inacção» recusando trabalhar durante um tempo mais ou menos longo.

Testemunho de gratidão

Um pequeno proprietário rural alemão teve a ideia, um dia, de observar o estranho procedimento de um porco, em liberdade, no pátio da da herdade. O animal lambia uma pedra com obstinação. O homenzinho reparou melhor e viu que era uma pedra de sal gêma. Descobriu-se que aquele terreno continha um depósito de sal tão importante que é o mais notável da Alemanha. O pequeno proprietário, transformado em grande capitalista, elevou uma estátua ao porco que tanto o beneficiou.

Quadrados mágicos

(Solução)

Nas filas horizontais:

9, 4, 7, 3, 8 e 9, 2, 7, 5, 8.

Nas filas verticais, a começar de cima:

3, 4, 6, 5, 2, 1 e 2, 3, 4, 6, 5, 1.

Somas múltiplas

(Problema)

Dispondo, em duas colunas, os seguintes números:

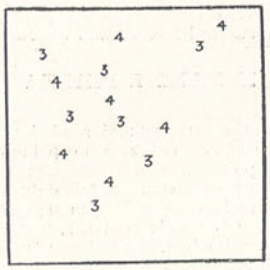
41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59,

obter-se-á, horizontalmente, o mesmo resultado em cada uma das oito filas dessas duas colunas. Assim, como também, verticalmente, se obterão resultados idênticos, com a soma de cada coluna.

A questão tôda é saber como se hão-de distribuir os números.

Sete vezes sete

(Problema)



Com três linhas rectas — que se podem, evidentemente, cruzar — dividam o quadrado aqui junto em sete partes, de modo que a soma dos algarismos em cada uma dessas partes seja sempre sete.

São levados por aeroplano, todos os anos, para Londres, para satisfazer o apetite dos gastrónomos londrinos, 2.000 000 de caracóis.

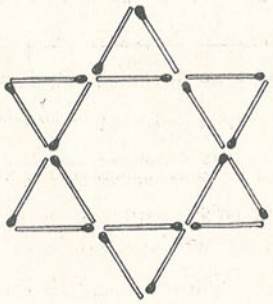
O deserto do Sahará tem uma superfície de nove milhões de quilómetros quadrados, ou seja quási tanto como a Europa.

Nem todo o deserto está coberto com arcia; elevam-se nele alguns maciços montanhosos com 1.000 a 2.500 metros. A maior parte das arcias são formadas pela acção das temperaturas extremas sôbre as rochas. Durante o dia estão estas submetidas à ardência do sol, a uma temperatura entre 45° e 55° C.; durante a noite a temperatura baixa vários graus de zero.

No inverno, nas regiões mais altas cai neve, mas pouco tempo aí permanece, porque basta um pouco de bom tempo para a derreter.

De triângulo fazer estrêla

(Solução)



O diagrama indica quais os fósforos que haviam de mudar de lugar.

O primeiro barco a vapor que houve no Japão, foi oferecido ao Shogun, em nome da rainha Vitória de Inglaterra por Lord Elgin, primeiro embaixador inglês naquele país. Era um pequeno hiate de 400 toneladas e chamava-se *The Emperor*.

Alguns animais de sangue frio podem viver sem almento durante períodos extraordinàriamente longos. Os caracóis, às vezes, passam sem comer, por um espaço de cinco anos.

Também os animais enjoam no mar

Com excepção do grande urso polar, habituado como está ao vai-vem dos formidáveis *icebergs* que o transportam muita vez para longe da costa, todos os animais de sangue quente, sentem mais ou menos as conseqüências do balanço. Apenas, talvez, depois do urso branco, o boi lhe seja quási insensível. Os cavalos sofrem muito com êle. Os macacos de tôda a espécie sofrem e sentem os mesmos sintomas que uma criança. Mas de todos, é o porco o mais atacado. Durante todo o tempo de uma travessia, geme, esfregando o ventre com as patas e tem os olhos cheios de lágrimas.

Galinhas, gansos, patos, etc., sofrem igualmente de enjôo no mar.

— Ouça lá, meu pai, se eu gritar por socorro, não vá deitar-se à água e escangalhar tudo, tome sentido!

(Do «The Happy Magazine»).

À VENDA

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.º JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuïção interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **Esc. 19$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND
A mais antiga livraria de Portugal
Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,

o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado..... 12$00
Pelo correio à cobrança..... 13$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

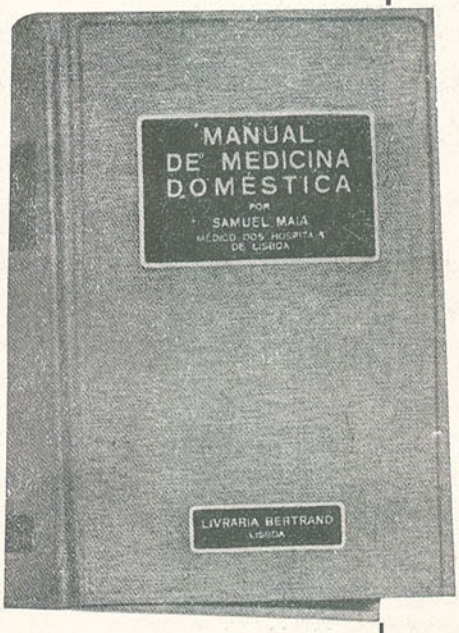
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA